

ONEIZE MARIA PARANHOS DE OLIVEIRA

# BENDITA MORTADELA

Travessia dos jovens da Baixada Fluminense  
e das favelas do Rio de Janeiro no serviço  
social da PUC-Rio nos anos, 1995-1999

ISBN: 978-65-999760-1-8



GiraBrand 

**Oneize Maria Paranhos de Oliveira**

# **BENDITA MORTADELA**

Travessia dos jovens da Baixada Fluminense e das favelas do Rio de Janeiro no serviço social da PUC-Rio nos anos, 1995-1999.

*"O saber a gente aprende com os mestres e com os livros. A sabedoria, se aprende é com a vida e os humildes."*

*Cora Coralina*



Dedico este livro a todos os jovens e adultos, negros, brancos, descendentes de japonês e indígenas, pessoas carentes, da Baixada Fluminense e favelas do Rio, que ingressaram na PUC-Rio nos anos 1994 a 1999 e souberam, através de muitas dificuldades, ultrapassar os limites humanos, sociais, e os preconceitos, superando todos os desafios, fazendo uma nobre travessia para chegar à reta final.



# Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pelo “Dom” da vida, pela força e luz concedidos a mim durante estes anos.

Aos meus pais Harrison de Oliveira e Geralda Paranhos de Oliveira (in memoriam) por me terem dado a vida.

Às Irmãs Dimesse Filhas de Maria Imaculada, minha Família Religiosa, pela oportunidade de estudo e a todas as minhas irmãs de Congregação que sempre me apoiaram e me deram força na caminhada.

Ao Pe. Dauri Batisti, pela amizade e pela intuição de me enxergar como Assistente Social incentivando a buscar essa área de estudos.

Aos padres: Marcos Antonio Santana e Theophilo Antônio da Rocha Mattos, pela ajuda e orientação e à professora Nilma, pela disponibilidade em aulas particulares no tempo de preparação ao vestibular.

Aos meus amigos, alunos do curso de Serviço Social e de outros departamentos pela amizade, companheirismo, união e solidariedade conservados até hoje.

À Irmã Rita de Cássia Luciano, pela disponibilidade e ajuda durante o processo de estudo na PUC-Rio.

Ao Renato Pontes, nosso amigo e colaborador pela caminhada constante na PUC-Rio e na vida cotidiana.

Ao Pe. Javier Enciso pela proximidade, acolhida, escuta, apoio e solidariedade na Pastoral Universitária.

Às senhoras do Clube de Mães da Comunidade de Parque Duque e a Elcy da comunidade Paulicéia, pela colaboração em vários momentos festivos e acadêmicos.

Ao Nelson, funcionário da Carpintaria da PUC-Rio no período em que nós cursamos a Universidade sempre presente nas iniciativas propostas por essa turma.

Aos professores do curso de Serviço Social e outros departamentos, que caminharam conosco pelo carinho, pela dedicação e acolhida.

À professora Sueli Bulhões pela atenção, pela amizade que ultrapassou a sala de aula e pela orientação colaborativa na elaboração deste livro.

À Claudia Araújo, Odenilson Argolo e Irmã Joana Fernandes que tanto me ajudaram com suas memórias na organização deste livro.



# Apresentação

Em 2017 um pão com mortadela levou a Irmã Oneize a recordar uma história na qual ela foi uma das principais participantes.

Sim, nesse período a que ela se reporta, pão com mortadela era uma refeição fundamental para que muitos jovens pudessem superar o desafio de cursar uma universidade.

Estamos falando da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, uma das mais conceituadas instituições de ensino superior do Brasil, vista, à época, pela sociedade como a universidade dos jovens ricos e de classe média alta da Zona Sul carioca.

Apenas para contextualizar, essa história começou em 1994 graças à iniciativa de um franciscano Frei David Raimundo dos Santos que procurou a Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB solicitando que essa instituição, intercesse junto à Reitoria da PUC para garantir a concessão de bolsas de estudo aos jovens negros e pobres que fossem aprovados no vestibular.

É essa história que a Irmã Oneize registra com muita emoção, uma trajetória de luta e superação que mudou positivamente a imagem da PUC-Rio tornando-a a pioneira nas políticas de inclusão social.

É bom registrar que a PUC sempre acolheu com bolsas, jovens que comprovassem não ter como custear seus estudos, mas isso não era um programa destinado a estudantes negros e pobres de comunidades da periferia e da baixada fluminense.

Os fatos relatados mostram dificuldades que só foram superadas com muita luta e determinação mas, principalmente, com a união da turma e a colaboração de docentes liderados pela Profa. Luiza Helena Nunes Hermel que, sem dúvida, foi a principal responsável pela rede de apoio no Departamento de Serviço Social e adesão de outros setores como a Pastoral Universidade.

Ao longo do tempo muitas monografias de graduação, dissertações de mestrado e até algumas teses de doutorado tratam desse tema, mas sempre com relevância acadêmica.

O relato da Irmã Oneize é pleno de sentimento e isso tem grande significado para todos que participaram e acompanharam a trajetória de uma turma, na verdade a primeira turma, que demonstrou ser viável aos pobres estudar e se formar na PUC-Rio

*Augusto Sampaio . Vice-Reitor Comunitário*



# Sumário

INTRODUÇÃO .....	10
A MEMÓRIA .....	13
A HISTÓRIA .....	16
O VESTIBULAR .....	19
A PRIMAVERA DO SERVIÇO SOCIAL .....	22
OS PRIMEIROS MESES .....	26
O OLHAR DA SOLIDARIEDADE E DA APROXIMAÇÃO .....	33
A CAIXINHA .....	37
O ESTÁGIO .....	41
AS REUNIÕES .....	46
PRÉ-VESTIBULAR .....	50
CURSINHO PARA NEGROS E CARENTE .....	50
TRABALHO EM GRUPO .....	55
OS PROFESSORES .....	61
OS ALUNOS .....	91
AS FESTAS .....	95
A FORMATURA .....	109
25 ANOS DEPOIS .....	115
A CONCLUSÃO .....	122
A AUTORA .....	127
1º GRUPO DE ALUNOS .....	129
2º GRUPO DE ALUNOS .....	130

A  
TA  
TADELA  
INDITA  
A  
TA  
DELA  
ADELA  
RTADELA  
TA  
INDITA  
ITA  
TADELA  
ELA  
ENDITA  
DELA  
ELA  
TADELA

## **Introdução**



Este livro “Bendita Mortadela”, a travessia dos jovens da Baixada Fluminense e das favelas do Rio de Janeiro no Serviço Social da PUC –Rio, é fruto de uma experiência vivenciada nos quatro anos em que passei junto aos jovens, no curso de Serviço Social da PUC – Rio e que marcou a minha vida. Na sua elaboração, contei com os meus colegas, Odenilson Argolo, Claudia Araújo e Ir. Joana Fernandes. A contribuição desses colegas queridos foi muito importante pois eles me ajudaram a lembrar de fatos alegres e triste que marcaram nossa travessia.

Não tenho a intenção de escrever um livro teórico, de conceitos, mas retratar aqui experiências práticas, vivenciadas a partir do encontro e relacionamento com pessoas jovens, vidas humanas, oriundas de várias realidades culturais, com vivências profundas de sofrimento, mas de muita garra e visões claras sobre a vida.

Jovens com pés no chão, convictos de suas escolhas e com desejos de superação.

História de um grupo de jovens pobres das favelas do Rio de Janeiro e da Baixada Fluminense, na maioria negros, que conseguiram entrar numa Universidade de elite, sofrendo preconceitos, humilhações e desprezo.

Jovens, com o desejo de um conhecimento maior, de serem reconhecidos nesta nossa sociedade tão segregada, dividida entre os “melhores” e “piores”, entre os que “possuem” em detrimento dos “lascados”, mas que, diante de tantos entraves e barreiras, não se deixaram intimidar. Pelo contrário, se desdobraram em esforço e dedicação, seguiram em frente, de cabeça erguida, fazendo uma travessia dolorosa dentro de uma Universidade de maioria branca, classe média alta, cujo o olhar de indiferença trouxe indignação, mas não impediu a caminhada.

Jovens com sede de vida, alegres, cheios de sonhos, de expectativas, que passaram pela fome, pelo cansaço, dificul-

dades, enfrentando os desafios que a sociedade lhes impunha, para atingirem sua meta: a formação acadêmica.

Foram anos de muitos desafios, mas também de muita superação e aprendizados. É esse percurso que tento retratar nesse livro para que possa ser inspiração às novas gerações e para registrar uma história tão marcante, seja para a vida desses jovens, seja para a própria universidade que aprendeu a lidar com essa nova realidade.



A  
TA  
ADELA  
DITA  
A  
TA  
DELA  
ADELA  
RTADELA  
TA  
NDITA  
TA  
ADELA  
ELA  
ENDITA  
DELA  
ELA  
ADELA

## **A memória**



## **BENDITA MORTADELA: O TRANSPORTAR DE UMA DURA REALIDADE**

Manhã de sexta-feira, 12 de maio 2017, ao chegar na mesa do café da manhã, deparei-me com uma bandejinha de mortadela da Perdigão.

Fiquei a observar aquela mortadela e de repente me veio à mente lembranças de um tempo em que uma fatia de mortadela em um pão francês era, simplesmente, o almoço de um grupo de jovens estudantes.

Minha irmã de comunidade me perguntou se eu não gostava de mortadela. Não era que eu não gostasse, mas a bandejinha me transportou para uma época dura em que na trama da vida, a mortadela, por um determinado tempo, pôde saciar a fome de um grupo de jovens pobres que entrou para estudar numa Universidade de elite, localizada na Zona Sul do Rio de Janeiro, sonhando com uma formação acadêmica. Esta talvez seja, ainda hoje, a realidade de tantas famílias pobres, sem condições financeiras, num país como o nosso, onde as oportunidades são poucas e talvez a única coisa que lhes resta, quando podem, para sobreviver, é um pãozinho francês com mortadela. Essa questão nos retrata Demo (1997, p.62) quando fala sobre a desigualdade ainda tão presente no Brasil e no mundo. De acordo com esse autor:

A desigualdade social, como fenômeno complexo que certamente é, compõe-se, no capitalismo, em grande medida da discriminação instrumentada pelo mercado. Embora o conceito de “classes Sociais” não detenha a força explicativa que Marx supunha, pois há várias formas de exclusão não necessariamente determinada pelo mercado, como as de gênero ou de fundo cultural e simbólico, guarda validade no sentido de apontar para a distância entre os que possuem os meios de produção e os que deles são destituídos.

Tomando o café e pegando a mortadela, comecei a contar para Irmã Cristina Miola que, há tempos atrás, eu não podia nem ver mortadela, pois me lembrava dos primeiros meses em que entrei na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, a PUC-Rio. Ela me perguntou o porquê, e eu lhe contei do primeiro mês em que, por solidariedade aos alunos do curso de Serviço Social, deixei de ir almoçar no bandejão para ficar junto com os jovens, cujo almoço nada mais era do que, um copo de guaraná e um pãozinho francês, com uma ou duas fatias de mortadela.

Terminado o café, a Irmã precisou sair e eu comecei a limpar a casa.

Durante o tempo em que eu estava limpando a casa, parecia que uma voz me dizia: escreve, coloque esta experiência num caderno. Uma força muito grande me impulsionava a escrever estas linhas que eu chamo de **Experiência de Superação e Vitória**. Experiência vivenciada há mais de 20 anos e que para mim, mais do que marcante, posso dizer que foi uma experiência de vida!



A  
TA  
ADELA  
DITA  
A  
TA  
DELA  
ADELA  
RTADELA  
TA  
NDITA  
TA  
ADELA  
ELA  
ENDITA  
DELA  
ELA  
ADELA

## **A história**



## ONDE TUDO COMEÇOU

No ano 1994, após cinco anos de trabalho pastoral na Paróquia de Nossa Senhora da Conceição Aparecida em Cobilândia, Vila Velha, ES, a Madre Geral, responsável pela Congregação das irmãs Dimesse Filhas de Maria Imaculada, minha Congregação, me fez uma proposta de transferência para uma nova missão em Duque de Caxias, Rio de Janeiro argumentando que lá tinha mais possibilidades para eu cuidar da saúde, sendo que eu não estava bem e precisava de acompanhamentos médicos. Depois de pensar bem, aceitei com muita disponibilidade a proposta e assim, fui transferida para a Paróquia Nossa Senhora de Fátima, em Duque de Caxias, RJ. Nessa Paróquia tinham dois padres: Pe. Marcos Antônio Santana e Pe. Theóphilo Antônio da Rocha Mattos.

Nossa casa ficava no bairro Beira Mar, próximo à rodovia Washington Luiz. Eu estava para ser operada em Petrópolis de um cisto na mama. Após subidas e descidas de Caxias para Petrópolis, para exames pré-operatórios, fui operada. Recomendações médicas: ficar 45 dias sem sair de casa e não fazer esforço para a recuperação.

Nesse período, foi me visitar a irmã Joana Fernandes, da Congregação das Irmãs da Divina Vontade, residente no bairro de Gramacho, também em Duque de Caxias.

Nesta visita, a irmã me disse:

*“Porque você não aproveita este tempo para estudar? Vai haver vestibular na PUC daqui a pouco, eu estou lá fazendo Serviço Social e é um curso muito bom”.*

Eu lhe respondi:

*“Ah, mulher, eu estou sem estudar há 11 anos e em 45 dias você quer que eu aprenda novamente todas as matérias!”*

E ela me disse:

*“E daí? Eu vou trazer para você todas as apostilas que eu estudei, livros, não é difícil não, pelo menos tenta. Depois, você tem dois padres que são professores lá na PUC, eles também podem te ajudar!”*

Em minha lembrança, veio o Pe. Dauri Batisti, ex-pároco da paróquia de Cobilândia, Vila Velha, ES, onde eu trabalhei por 5 anos. Por ver a minha dedicação no trabalho, atenção e interesse em atender e ajudar às pessoas, ele me disse e não só uma vez, que eu deveria estudar para ser Assistente Social, pois eu levava jeito. Mas, eu não pensava nisso, apenas gostava de estar ajudando às pessoas a resolverem seus problemas.

Assim, passados alguns dias, a irmã Joana apareceu lá em casa com as apostilas e livros. Além disso, os padres Marcos e Theophilo levaram artigos de jornais e outros livros para me ajudar nessa preparação ao vestibular. Comecei a estudar sozinha, mas senti a necessidade de ter uma professora que me ajudasse, afinal foram 11 anos sem ver as matérias.

Um dia, as senhoras do Clube de Mães da Comunidade Maria Mãe da Igreja, do Parque Duque, que eu acompanhava, foram me visitar e, comentando com elas, a Nair (uma das mães do grupo) disse-me que a filha era professora e ela ia pedir para ela me ajudar. A resposta veio rápida. Nilma, filha de Dona Nair começou a me explicar as matérias. Como não dava tempo para eu estudar todas, peguei as que eu ia precisar mais de pontos, as outras eu só dei uma olhada porque eu não podia zerar. Foram 45 dias de muito esforço e boa vontade para dar conta de todas as matérias.

Eu, particularmente, atribuo este momento especial ao incentivo da Ir. Joana, a ajuda dos dois padres e da professora Nilma, que me ajudou nas matérias, mas também a Deus que me concedeu esta graça.

A  
TA  
ADELA  
DITA  
A  
TA  
DELA  
ADELA  
RTADELA  
TA  
NDITA  
TA  
ADELA  
ELA  
ENDITA  
DELA  
ELA  
ADELA

**O vestibular**



## **VIDAS QUE SE CRUZAM**

Chegou o dia do vestibular. Um dos lugares destinado para as provas, foi o Colégio Zaccarias da Congregação dos padres Barnabitas, localizado no bairro do Catete, Zona Sul do Rio de Janeiro. Era o mês de outubro, um calor infernal no Rio. Eu estava muito nervosa, afinal, foram só 45 dias para estudar todas as matérias, mas quando Deus tem uma missão para você, Ele age. Muitos jovens chegando e eu, com 40 anos, me sentia perdida naquele meio. Entrei na capela para rezar e lá fiquei sentada olhando para o Sacrário e pedindo a Jesus que Ele me acalmasse.

O sinal tocou, hora da prova. Entrei na sala para fazer a prova e foi-me entregue uma folha com um tema para fazer a redação. Eu só tinha quarenta minutos para fazê-la! Eu estava tão nervosa que não conseguia me concentrar. Minhas mãos tremiam e suavam. Quando só faltavam 20 minutos para terminar o tempo, minha mente se abriu e neste espaço de tempo eu consegui escrever a redação. Depois veio a prova de gramática. De repente um jovem que estava do meu lado começou a passar mal. Levaram-no para fora. Eu fiquei mais nervosa ainda, quase não conseguia fazer a prova.

Na saída do colégio, encontrei com aquele jovem que passou mal na hora da prova. Ele estava com um grupo de moças e fomos conversando até o ponto do ônibus. Descobri que todos iam para a Baixada Fluminense, alguns para Duque de Caxias e outros, para São João de Meriti e Nova Iguaçu. Mal sabia eu que os jovens daquele grupo, mais tarde, seriam os meus colegas de classe.

Nos outros dias, nos encontramos para fazer as provas das outras matérias, já não me sentia tão sozinha. Terminado o vestibular, não nos encontramos mais.

Quinze dias depois, fui até a PUC para saber do re-

sultado das provas e encontrei-me com alguns dos jovens que eu tinha conhecido. Um bom grupo tinha passado e com notas boas!

Voltamos para as nossas casas felizes. Passar no vestibular em uma Universidade de elite não é para qualquer um, principalmente para os “tidos” como “classe” mais pobre, que estudaram em colégio municipal ou estadual, num país que não investe na educação. O outro agravante é ser negro, pobre e favelado, aquele pobre coitado, que não tem dinheiro para nada e muito menos para pagar uma faculdade!

Depois deste dia, não nos encontramos mais. Aqueles jovens não saíram da minha mente. Eu nem podia imaginar que a vida preparava para mim, uma missão tão árdua. Assim como Deus chamou Moises no livro do Êxodo eu me senti chamada, desafiada a continuar essa caminhada:

*“Moisés, Moisés!” Ele respondeu: “Eis-me aqui!” Deus disse: “Não se aproxime. Tire a sandália dos pés, porque o lugar onde você está posicionado é solo sagrado.” (Ex 3, 4-5)*



ATA  
ADELA  
INDITA  
ATA  
DELA  
ADELA  
RTADELA  
ATA  
INDITA  
ATA  
ADELA  
ELA  
ENDITA  
DELA  
ELA  
ADELA

**A primavera do  
serviço social**



## **REENCONTRO E ACOLHIDA**

Março de 1995, início das aulas. Quando cheguei à sala de aula, deparei-me com os jovens que eu tinha conhecido nos dias do vestibular. Éramos 40 alunos só no Serviço Social! Tirando umas cinco moças que moravam na Zona Sul do Rio, os outros eram todos pobres, a maioria negra, vindos de municípios da Baixada Fluminense e favelas do Rio de Janeiro. Entre eles, uma japonesinha também pobre e moradora da Comunidade de Acari, sem contar os outros negros e pobres também da Baixada e de algumas favelas do Rio que escolheram fazer outros cursos.

Foi um ano, em que graças ao trabalho do Frei David Raimundo dos Santos OFM, a PUC-Rio, abriu uma turma com todos recebendo bolsa de 100%.

Eu nem sabia que estava incluída na lista dos 100%! Para mim foi surpresa. Isto se deu pelo fato de eu também ser negra e entrar na PUC justo naquele ano, porque normalmente religiosos e padres, pagam 50% da mensalidade.

Isto foi bom para mim, pois não me senti diferente dos outros, mesmo porque, eu também, por alguns anos, fui membro ativo do grupo de religiosos negros, iniciado por Frei David, participando de encontros de reflexões sobre o papel dos religiosos negros dentro da sociedade e seu lugar dentro das Congregações religiosas e, criando grupos de Agentes de Pastoral Negros (APNs) na paróquia de Xerém, em Duque de Caxias - RJ, onde eu morava.

Fiquei sabendo pela Ir. Joana que já era aluna do curso de Serviço Social, que o Departamento de Serviço Social da PUC-Rio corria o risco de ser fechado por falta de alunos.

Ano primaveril de invasão no Serviço Social. Jovens alegres, animados, vieram florir o jardim que já se encontrava quase morto.

Fomos bem recebidos pela professora Luiza Helena Nunes Ermel, assistente social e diretora do Departamento de Serviço Social e pelo professor Augusto Sampaio, Vice-Reitor Comunitário da PUC-Rio que com tanta alegria, nos deu as boas-vindas.

Iniciava-se para nós uma nova trajetória. Era começo de uma nova etapa, novas amizades, novo mundo, novos hábitos, “nova cultura”. Levantar às quatro e meia da manhã, dependendo da distância, alguns até às 3h30m e pegar dois ônibus às 5h, para estar na PUC para a primeira aula das sete horas. Às aulas terminavam às 12h ou mais, o que nos fazia chegar em casa tarde. Cláudia fez memória de que naquela época, contávamos com duas linhas de ônibus via Central do Brasil 174 e 170. O Metrô não era acessível e ficava distante. Realizávamos viagens longas e cansativas diariamente.

Lembrando dessa época com Irmã Joana, ela comenta que:

*“Duque de Caxias, São João de Meriti, Nova Iguaçu e Xerém. Ônibus superlotados, conseguir poltrona pra sentar era sonho ou sair um “cadinho” mais cedo, 5h da manhã, rezando para que nada impedisse o trânsito a fluir normalmente na Av. Brasil.*

*Ferrovia? Os trens pareciam e muito com aqueles dos filmes de Campo de Concentração: janelas de madeira; quando tinham! Ar condicionado? Nem pensar “Ar sem condição”. O trem era o que mais garantia o horário, pois, não enfrentava engarrafamento e o preço era mais acessível. Agora, se acontecesse de “trem avariado” nem os mineiros davam jeito “num trem desse”! Naquela época, não existia Linha Vermelha e nem celular!”.*

**Continua Irmã Joana:**

*“Na experiência de quatro anos, percebi que a diferença entre o trem de trabalhadores de Duque de Caxias ao*

*Rio com os filmes de trem nos Campos de Concentração, era que nestes, as pessoas eram colocadas forçadas e era gratuito, enquanto que no trem da Central do Brasil havia "competição para um embarque voluntário" e se pagava passagem. Viajar sentado? Tinha que ser muito sortudo... Em pé, já era muita sorte pegar espaço na altura dos varões de apoio,<sup>1</sup> feito com uma técnica e engenharia espetaculares: os passageiros levantam os braços para alcançar, fica o corpo bem ereto, com certeza cabe mais gente ou: onde "cabe um comporta quatro" igual a coração de mãe. Melhor visualização são as grandes peças de carnes dependuradas no gancho em açougues... Quando não comportava no interno era possível ir como em cabide pelo lado de fora. Mas recorde que falo de seres humanos, ou... cidadãos. Não falo de outros ou para outros, é experiência de quatro anos".*

Mesmo cansados e às vezes sem nos alimentarmos direito, nos desdobrávamos sobre as matérias, que não eram poucas e requeriam de nós, muito esforço.



---

1 Irmã Joana se refere às barras de apoio que ficam próximas ao teto e servem para os passageiros se segurarem

A  
TA  
ADELA  
DITA  
A  
TA  
DELA  
ADELA  
RTADELA  
TA  
NDITA  
TA  
ADELA  
ELA  
ENDITA  
DELA  
ELA  
ADELA

**Os primeiros  
meses**



## **DIFICULDADES, PÃO COM MORTADELA E GUARANÁ**

Os primeiros meses de aula foram de muitas dificuldades. Um dia, uma das alunas desmaiou em sala de aula e levaram-na para o ambulatório da universidade. Toda a turma, tirando as da Zona Sul, foram acompanhar a jovem. Eu não podia ficar indiferente àquele acontecimento e fui junto. A jovem custou a voltar a si, o que deixou a doutora preocupada e também admirada por ver tanta gente de plantão na porta do ambulatório e exclamou:

*“acontecimento estranho este numa universidade de ricos, onde quando alguém passa mal, telefonam logo para os pais e estes vêm apanhar os filhos e levá-los para o hospital, não tem esta de alguém ficar muito tempo no ambulatório e nem gente de plantão”.*

Mas alguém da turma disse para a doutora que aquela turma era diferente:

*“quando um dedo dói, todos os outros sentem”.*

Cláudia lembra que:

*“nesta ocasião o grupo que com empatia se solidarizava, expôs sua história e as dificuldades. No caso o mal súbito que levou o jovem ao desmaio, foi provocado por uma hemorragia severa (mioma), que provocou um quadro de anemia megaloblástica. Agravado por falta de uma adequada alimentação”.*

A doutora perguntou se a jovem se alimentava direito, pois ela estava anêmica e fraca. Alguém do grupo disse que a situação era difícil. A doutora se comoveu e não sei porque cargas d'água me incumbiu de pegar com ela todos os dias, o ticket do café da manhã para a jovem. Também deu um en-

caminhamento para exame e, posteriormente, tratamento no HEMORIO.

Quando a jovem voltou a si, uma professora se prontificou a levá-la até o ponto de ônibus e uma aluna deixou de participar da aula para acompanhá-la até a Central do Brasil e depois pegar outro ônibus até Gramacho, Duque de Caxias.

Naquele momento, eu me senti envergonhada, pois eu ia para a cantina e para o bandeirão todos os dias para lanche e almoçar. Foi aí que eu me dei conta de que não era só uma jovem que não se alimentava direito, a maioria da turma não tinha dinheiro para nada: nem para lanche, nem para o almoço. Como nos recorda nossa amiga Claudia:

*“As vezes o grupo, tinham dinheiro para comprar uma refeição que era dividida para quatro pessoas. Eles iam mais no final do horário de almoço, para poder fazer essa partilha.”*

Percebi também uma jovem que chegava na PUC vestida com o uniforme de uma escola municipal porque não tinha como pagar a passagem de ônibus todos os dias. E ela dizia que tinha medo de que algum dia o fiscal entrasse no ônibus e descobrisse.

Outros alunos também, às vezes, iam para a universidade só com o dinheiro da passagem de ida, sem saber como fariam para voltar para casa.

Imaginem como ficou a minha cabeça, pois a mim nada faltava! Eu tinha uma Família Religiosa que me dava suporte.

E os livros? Estes nem se fala, quem poderia comprá-los?

Claudia nos recorda que:

*Os professores tinham pastas na Xerox, com o conteúdo das matérias para leitura. Diariamente realizávamos no mínimo o fichamento de quatro a cinco textos. Essa difícil-*

*dade fortaleceu, ainda mais o grupo. Porque criamos um círculo de leitura para realizar os trabalhos, juntávamos nossas economias e pagávamos por um jogo de cada matéria. Às vezes saíamos por volta das 19 horas da Universidade, aguardando uma vaga para digitalizar os trabalhos, no Rio Datacentro RDC.<sup>1</sup> A maioria não sabia digitar e tão pouco tinha acesso a computador. Quem sabia ajudava o outro, muitas vezes contamos com a solidariedade de outros colegas, que não eram do nosso grupo. Não era possível estudar deste jeito. Todas estas dificuldades me levaram a uma aproximação maior com estes jovens. E assim, começou a minha missão.*

*Mesmo quando tudo parece desabar cabe a mim decidir entre rir e chorar, ir ou ficar, desistir ou lutar; porque descobri, no caminho incerto da vida que o mais importante é decidir.*

**Como religiosa e negra, senti-me na obrigação de fazer algo. Não podia ficar indiferente diante da realidade que estava bem na minha frente e nem me omitir, afinal isto não condizia com o Carisma e a missão da minha Congregação Religiosa que nos diz:**

A atividade apostólica pertence a própria natureza do Instituto. As irmãs participam ativamente da missão salvadora da Igreja com seu próprio testemunho de vida, reconhecendo e servindo a Jesus Crucificado em cada irmão necessitado.

---

1 O RDC é um órgão de apoio, subordinado à Vice-Reitoria para Assuntos Acadêmicos, que provê serviços de informática e de comunicação de dados, em apoio às atividades acadêmicas e administrativas da Universidade". (<http://www.rdc.puc-rio.br/>)

Dedicam-se, em particular, às obras de evangelização e caridade, de serviço à educação, de acolhimento e de pastoral, para formar a Verdade na Caridade, segundo o convite do nosso fundador, Padre Antonio Pagani, na fidelidade ao Espírito Santo, e à história, na obediência às diretrizes da Igreja.

(Constituição das Irmãs Dimesse Filhas de Maria Imaculada. parágrafo 9, p.30)

Um dia, nos reunimos no campus, num lugar sossegado, debaixo de uma árvore onde não circulavam muitas pessoas. Trocamos muitas ideias sobre a situação. Depois de tantas conversas, surgiu a ideia de uma caixinha onde cada um colocaria o que podia. Tiramos um grupo responsável que fosse na padaria todos os dias com o dinheiro arrecadado, comprar pão, mortadela e guaraná. O guaraná, oh! meu Deus, era o mais barato, não podíamos ter o luxo de um refrigerante melhor naquele momento. Era o que a soma do dinheiro dava! A mortadela, era uma fatia, no máximo, duas por pão. O importante era poder saciar um pouco da fome. Ninguém reclamava. Saboreávamos com gosto aquele pãozinho, como se tivéssemos comendo caviar. Eu levava os copos descartáveis e os guardanapos.

*“... Penso no que faço, com fé. Faço o que devo fazer, com amor. Eu me esforço para ser melhor, pois bondade também se aprende.” (Cora Coralina)*

E assim foi. Eu deixei o almoço do bandejão e colocava o dinheiro na caixinha que juntando dava para comprar o lanche todos os dias. Foi assim durante algum tempo. Mas, na verdade, eu já não aguentava mais comer pão com mortadela e guaraná, então pensei: é preciso fazer algo senão todos nós, vamos ficar anêmicos e fracos.

Numa das nossas reuniões, propus outra experiência: cada um trazer de casa, num potinho, o que tivesse de comida e quem não tivesse nada, trazia uma vasilha vazia, ou quem tivesse só o arroz com feijão, trouxesse assim mesmo.

Numa sexta-feira, teve início nossa experiência. Começo de uma experiência, que se prolongaria durante todos os dias da semana: a sala de aula serviu de refeitório oculto, disfarçado, para ninguém perceber.

Uma roda com as carteiras dentro da sala e começamos a partilhar o que cada um levava. Apareceu pote de todos os jeitos e tamanhos. Uns mais cheios, outros menos. Levávamos alguns minutos no troca-troca, era uma mistura de tudo. Não era lá muita coisa, mas foi o começo das nossas alegrias.

Recordo-me de uma das alunas que levava um minúsculo pote, talvez só coubesse uma colher de sobremesa e o que tinha era dividido. Cada um se deliciava de uma pequena prova. Eu passei a levar balas e bombons que recebíamos da Itália quando algum amigo visitante trazia, era uma parte da sobremesa, e que fazia a festa de todos.

A professora Eliza Regina Ambrosio, que dava aula para nós nas sextas-feiras, um dia, resolveu chegar mais cedo na sala, e para surpresa dela, nós estávamos iniciando o nosso almoço e o nosso troca-troca. Ela ficou chocada e emocionada com o que viu e ouviu.

*“Eu vi e ouvi o sofrimento do meu povo”. (Ex 3,7)*

Ela largou a bolsa em cima da mesa e saiu de mansinho. Minutos depois, o Departamento mandou me chamar para saber o que estava acontecendo na sala, pois, a professora Eliza tinha chegado lá muito emocionada e contando o que

ela viu. Eu expliquei tudo o que estava acontecendo com a turma e o porquê do almoço na sala de aula.

Este fato repercutiu entre os professores do Departamento de Serviço Social e na Pastoral Universitária.

No dia seguinte, Ir. Joana me procurou, e com o seu jeito-nho de falar disse:

*“Deus do céu, o que está acontecendo? A Luiza Helena me procurou e me contou alguma coisa. O que podemos fazer para ajudar estes jovens?”*

Estes acontecimentos mexeram com muita gente! A partir daí foram acontecendo as mudanças.

### **Saber Viver**

*Não sei...*

*se a vida é curta*

*ou longa demais para nós.*

*Mas sei que nada do que vivemos*

*tem sentido, se não tocarmos o coração das pessoas.*

*Muitas vezes basta ser:*

*colo que acolhe, braço que envolve, palavra que conforta,*

*silêncio que respeita, alegria que contagia,*

*lágrima que corre,*

*olhar que sacia, amor que promove.*

*E isso não é coisa de outro mundo: é o que dá sentido à*

*{vida.*

*É o que faz com que ela não seja nem curta, nem longa*

*{demais,*

*mas que seja intensa...*

*verdadeira e pura...*

*enquanto durar.*

*(autor desconhecido)*



A  
TA  
ADELA  
DITA  
A  
TA  
DELA  
ADELA  
RTADELA  
TA  
NDITA  
TA  
ADELA  
ELA  
ENDITA  
DELA  
ELA  
ADELA

**O olhar da  
solidariedade e  
da aproximação**



## **SENSIBILIDADE E PARTILHA**

Na sexta-feira seguinte, a professora Eliza chegou mais cedo com seu pote, aliás não era um pote, era um pirex com comida, não muito grande, enrolado num pano de prato e se colocou no meio de nós. Todos ficaram sem jeito e envergonhados, afinal, uma professora que almoçava no restaurante da universidade, trazer sua marmita e sentar na roda conosco!



*Café partilhado na varanda da Pastoral Universitária.*

Ela, percebendo o constrangimento do grupo, disse:

*“Vocês vão ficar aí parados? Vamos almoçar senão não dá tempo. Alguém quer um pouco do que eu trouxe?”*

O Odenilson, um jovem da turma sempre falante e brincalhão disse:

*“É isto aí professora, senti firmeza!”.*

O seu jeito brincalhão ajudou o grupo a sair do constrangimento.

A partir daquele dia, a professora Eliza passou a almoçar conosco. Isto fez com que nos tornássemos mais próximos dela e ela de nós.

Diante deste episódio, se achegaram também a nós, a Ir. Joana, o Irmão Romero (Marista) e Ir. Rita de Cassia Luciano, negra, da Congregação das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado, que cursava Filosofia. O Renato Pontes, pobre como nós, que também cursava Filosofia e morava na Vila Operária, em Duque de Caxias, se uniu ao grupo e começou, ele também, a ser parte integrante deste. Tantos outros alunos que faziam outros cursos se integraram ao grupo. Um olhar de solidariedade foi nascendo em relação ao grupo.

A Irmã Rita de Cássia, se ofereceu para fazer as cópias de todos os textos que precisássemos, pois no colégio em que ela morava em Botafogo, tinha copiadora e nós não íamos pagar, desde que, levássemos as folhas. E foi assim: dois jovens iam na biblioteca, pegavam os livros que precisávamos e quem era escalado ia na casa da irmã Rita de Cássia para fazer as cópias. E ela ainda, na sua generosidade, dava o lanche ou almoço, dependendo do horário, dos que iam lá tirar as cópias. Organizamo-nos em duplas para tirar as cópias e quando estas chegavam, outro grupo era responsável de grampear e distribuir. Tínhamos apostilas de todos os tamanhos e cores.

Um dia o Irmão Romero, que estudava Teologia, apareceu com um saco de macarrão espaguete, sabe, daqueles que a gente compra a varejo, pensando que podia ser útil ao grupo. Foi um ato generoso, porém, ele se esqueceu de uma

coisa: na PUC, não tinha fogão, tudo lá era elétrico. Este saco de macarrão foi repartido entre alguns e levado para casa.

O Padre Javier Enciso, Jesuíta idoso, um doce de criatura, trabalhava na Pastoral Universitária, sabendo das dificuldades do grupo, arrumou para nós uma cafeteira elétrica, colocou no espaço da Pastoral, tipo uma varanda, para que todos pudessem, pelo ao menos, tomar o café da manhã. Nós levávamos o pó de café e o açúcar. Algumas vezes, ele, o padre, todo generoso, deixava alguns biscoitos que se somavam aos nossos. Assim, desfrutávamos de um delicioso café, quentinho, com sabor de gentileza e bondade. O espaço da Pastoral Universitária tornou-se para nós um refúgio, o nosso ponto de encontro, nos sentíamos em casa. Lá rezávamos e discutíamos os problemas e assim, iam surgindo várias ideias do como caminhar juntos na diferença e na fraternidade, crescendo no respeito mútuo e na confiança uns para com os outros.

O padre Javier, muitas vezes aparecia e se colocava no nosso meio. Nas suas conversas conosco, nos dava a maior força. Falava e refletia alguns versículos da Bíblia e nos convidava para a missa, onde algumas vezes participamos da liturgia, fazendo leitura ou preces.

No espaço da Pastoral, nos sentíamos bem, afinal, a maioria de nós vinha das Comunidades Eclesiais de Base, onde se aprende a viver em comunhão fraterna e a partilhar o pão e os dons, na perspectiva do que nos mostra Beozzo (2012, p.15), quando diz que:

A casa é, portanto, para as primeiras comunidades cristãs, o lugar de encontro aberto a vizinhos, amigos e irmãos, onde todos procuravam conhecer-se mais e melhor, dividir os problemas e dificuldades à luz da Palavra, para encontrar caminhos que ajudem a transformar o sonho do reino de Deus em realidade vivida por todos. Cf. At 2,42-45.



A  
TA  
TADELA  
INDITA  
A  
TA  
DELA  
ADELA  
RTADELA  
TA  
INDITA  
ITA  
TADELA  
ELA  
ENDITA  
DELA  
ELA  
TADELA

**A caixinha**





*Produzindo relatório de estágio com Ir. Joana.*

## **SOLIDARIEDADE DOS PROFESSORES**

No Departamento de Serviço Social, alguém teve a feliz ideia de fazer, entre os professores, uma caixinha para ajudar a comprar vale transporte para quem não tinha condições de pagar passagem. E coube a mim esta tarefa de comprar os vales transporte. Muitas vezes e de uma forma discreta, a professora Arlete Alves, me dava um trocadinho a mais para ajudar.

Um dia, eu deixei para comprar os vales transporte num banco, naquela época, UNIBANCO, perto da Central do Brasil. Eu e Vilma, uma das alunas, pegamos o ônibus juntas, era o da linha 170, Central/ Gávea. Vilma tinha uma coisa diferente. Ela sentia quando algo ia acontecer. O ônibus estava meio vazio. Entraram dois jovens. Um sentou perto do trocador e outro mais à frente. Para mim isto era normal. De repente, Vilma sentiu um arrepio e me disse: “este ônibus vai ser assaltado!” Como você sabe disso, perguntei-lhe? “Eu sinto”, ela me disse. De repente os dois jovens se levantaram, tiraram as armas da cintura e o assalto começou! Eu fi-

quei pasma. Eu pensei: agora todo o dinheiro para a compra do vale transporte vai embora. Um dos assaltantes pediu que todos abrissem as bolsas e foi pegando tudo o que as pessoas tinham de valor e o dinheiro.

Recordo-me de uma senhora que estava sentada na nossa frente. Ela não queria entregar a bolsa para o assaltante e este lhe deu uma coronhada e pegou a bolsa. Ela caiu no corredor e ninguém podia fazer nada. Minhas pernas tremiam, fiquei apavorada. Na teimosia da mulher, me passou pela cabeça: e se ele atirasse nela? Nós estávamos atrás! Eu rezava para que isto não acontecesse. Ao abrir a bolsa da senhora, o jovem assaltante tirou o único dez reais que tinha e jogou a bolsa em cima dela, que aos poucos foi acordando.

Ao chegar perto de nós duas, disse:

*“você só têm isto?”*

Cadernos, apostilas e dez reais para pagar a passagem do ônibus para Caxias. Ele viu que éramos estudantes, mesmo assim, levou o dinheiro da nossa passagem. Fiquei nervosa, eu tinha que ligar para casa e pedir à irmã que viesse nos buscar. Vilma se desesperou. De repente me lembrei do dinheiro do vale transporte<sup>1</sup>. No apavoramento, não me recordava onde o tinha colocado. De repente enfio a mão num dos bolsos da saia para pegar o lenço e me lembrei que podendo acontecer algo, coloquei-o no outro bolso. Alívio! Ao chegar na Central, fomos direto ao UNIBANCO e compramos os vales. Estes serviram para voltarmos para casa. O susto foi grande, mas uma força maior nos protegeu, Deus!



---

1 Naquele tempo, o vale-transporte era um tíquete de papel comprado em cartelas com a quantidade equivalente ao número de passagens. Era necessário destacar tíquete por tíquete e guardar para pagar as passagens. Os tíquetes eram unitários, entregues aos cobradores no ônibus. Cada tíquete valia uma passagem.



*À Vilma Maria Souza Ferreira (in memoriam) minha gratidão pela sua doçura, pela sua personalidade forte e seu companheirismo em todos os momentos. Vilma presente, sempre!"*

A  
TA  
ADELA  
DITA  
A  
TA  
DELA  
ADELA  
RTADELA  
TA  
NDITA  
TA  
ADELA  
ELA  
ENDITA  
DELA  
ELA  
ADELA

**O estágio**



## CANSAÇO E ESGOTAMENTO

As dificuldades do grupo fizeram com que a professora Luiza Helena, juntamente com os membros do Departamento, batalhasse na busca de um estágio remunerado para todos. Acredito que não foi tão fácil esta busca, mas o estágio chegou. Coube a mim e mais três, sermos bolsistas do CNPq durante um ano e meio, participando de uma pesquisa chamada “Estudos de Processos de Transporte de Contaminantes Orgânicos em Solos e Águas Subterrâneas para Estabelecimento de Legislação Ambiental e Medidas de Reme-



*Apresentação do Projeto PIBIC - CNPq*

dição Adequada”, na Cidade dos Meninos<sup>1</sup>, em Duque de

1 A Cidade dos Meninos foi criada em 1946 como parte de uma das unidades da Fundação Abrigo Cristo Redentor e, inicialmente servia como albergue para meninas carentes. Posteriormente, a instituição passou a internar meninos carentes, passando a ser denominada “Cidade dos Meninos.



Caxias.” A pesquisa estudava a contaminação de pesticida existente no solo freático daquele local, bem como a contaminação das pessoas que lá residiam.

Éramos acompanhadas por uma supervisora. Outros estagiários, foram divididos em vários locais do Rio.

Recordo-me que no dia em que fomos apresentar o resultado da pesquisa para os representantes do governo, eu fiquei muito nervosa, tremia, era a primeira vez que ia falar na frente de pessoas importantes. Minhas colegas de turma me deram a maior força, até um copo de suco de maracujá arranjaram para me acalmar. Senti

*Assistente Social Maria da Glória Silva (in memoriam), Supervisora de Campo da Pestalozzi*



*Supervisoras de Campo do CERAPD*



uma atenção e um carinho muito grande por parte delas.

A apresentação foi boa, fomos aprovadas e conseguimos a bolsa do CNPq por mais um ano.

Por ser a Cidade dos Meninos, muito contaminada, por um produto tóxico, e por recomendações médicas, eu tive que deixar as pesquisas e passei a fazer estágio na Pestalozzi, que era próximo da minha casa no Beira Mar- Duque de Caxias.

O estágio era muito puxado, o cansaço tomou conta de mim e do grupo. Além de levantarmos muito cedo, participar das aulas, irmos para o estágio, elaborar as pesquisas de campo e ainda ter tempo para estudar, não foi fácil, tínhamos que fazer um esforço sobrenatural, não estávamos acostumados com tantas coisas ao mesmo tempo.

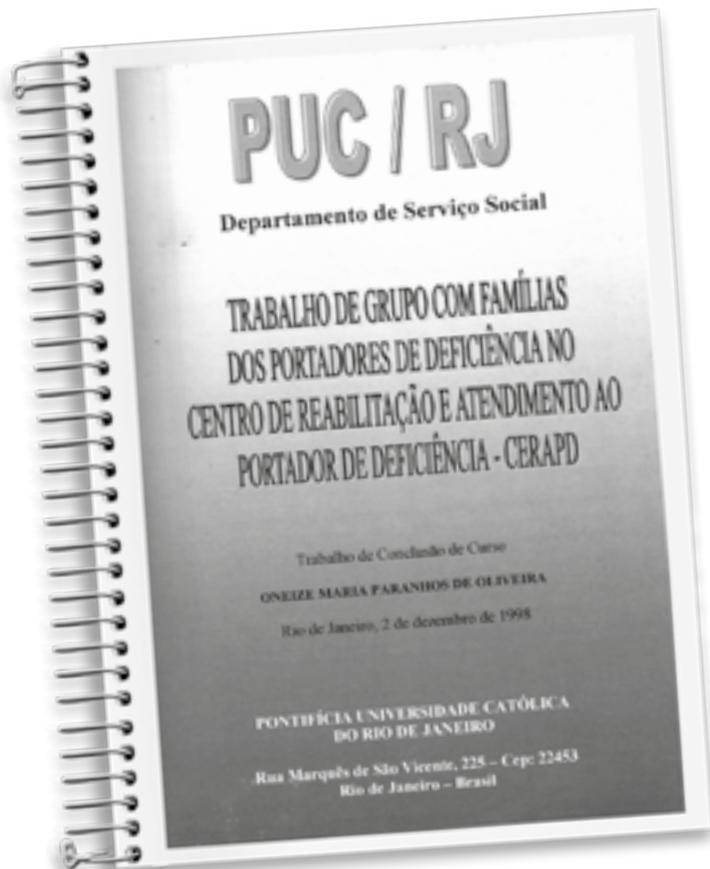
Dois anos depois, o curso de Serviço Social, passou a funcionar à noite. O estágio passou a ser o dia todo.

### *Apresentação do Projeto PIBIC - CNPq*



Por iniciativa própria, arrumei um estágio pela prefeitura de Duque de Caxias no Centro de Reabilitação e Atendimento ao Portador de Deficiência (CERAPD), onde encontrei três assistentes sociais maravilhosas que me acolheram muito bem e muito me ajudaram.

No CERAPD, fiz um belo trabalho de grupo com as mães que levavam os filhos para a terapia, o que mais tarde resultou no meu TCC - Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado: **TRABALHO DE GRUPO COM FAMÍLIAS DOS PORTADORES DE DEFICIÊNCIA NO CENTRO DE REABILITAÇÃO E ATENDIMENTO AO PORTADOR DE DEFICIÊNCIA - CERAPD**



A  
TA  
ADELA  
DITA  
A  
TA  
DELA  
ADELA  
RTADELA  
TA  
NDITA  
TA  
ADELA  
ELA  
ENDITA  
DELA  
ELA  
ADELA

## **As Reuniões**



## ORGANIZAÇÃO E RESPEITO

À turma de Serviço Social foram se agrupando outras pessoas carentes que frequentavam outros cursos dentro da PUC-Rio. Sentimos que era necessário nos organizarmos melhor. Combinamos então, de nos encontrarmos de 15 em 15 dias no campus, naquele lugar debaixo de uma árvore onde não transitavam muitas pessoas. Tínhamos sempre algo novo para pensar e realizar. Era uma forma de manter o grupo original aceso e unido, sem deixar que a baixa auto-estima ou o desânimo tomassem conta de todos. Formávamos uma família, uma grande comunidade!

Não ficar isolado era quase que uma ordem, fazia parte de todos os “carentes e negros” que frequentavam a PUC-Rio, por isso, a importância de se reunir. Era um desafio a convivência entre o grupo, que eu chamo de “comunidade”, “família”, pois nele, se agrupavam além das etnias, pessoas de várias religiões, com culturas diferentes, cada um com suas ideias e verdades.

Exclama Claudia:

*“Essa união mantinha nossa dignidade e característica. Apesar da Universidade nos abrir as portas, a comunidade acadêmica teve preconceito e conflito, com a convivência de realidade tão distante dela. Lembro certa vez, que um grupo de alunos não quis subir no mesmo elevador conosco. “Porque podiam ser contaminados por pobres favelados”. Também não acreditavam na capacidade intelectual e mérito de termos passado por processo de Vestibular, normalmente como todos.*

*Mas, como estávamos numa Universidade, e nesta havia diversidade de opiniões e valores. Podemos contar com o acolhimento, auxílio, amizade de muitas outras pessoas*

*que nos tratavam com respeito e tinham curiosidade sobre nossas estórias”.*

**Não foi fácil!**

Na trama da convivência, em grupo, quando ocorria algum desentendimento (o que eu vejo como normal, onde se agregam muitas pessoas), alguém do grupo se adiantava e levávamos a uma reflexão, e, aos poucos, com muita firmeza e persuasão, tudo se acalmava e conquistava a todos.

As ideias iam surgindo e não eram poucas não. Depois de várias discussões e discernimento, chegávamos a um denominador comum que satisfazia a todos.

Nada era realizado individualmente. Éramos um por todos e todos por um!

Não desistir, ser persistente, ter união e usar estratégias de sobrevivência era a força que nós, como grupo, tínhamos para nos manter dentro da Universidade.

Procurávamos fazer com que as diferenças não atrapalhassem o nosso caminhar e destruíssem a comunhão que, com esforço, procurávamos construir dentro deste mundo tão desigual.

A organização do grupo era muito importante naquele momento. Uns concordavam com as ideias colocadas, outros não, por isso, era necessário, criar um clima onde todos pudessem partilhar suas ideias, respeitando o pensamento de cada um e de todos e fazendo com que todos pudessem assumir com responsabilidade, e em conjunto, o que fora decidido, contribuindo, assim, para o bem-estar e o crescimento do grupo.





*Reuniões de organização do grupo com Ir. Rita e Suzete.*

ATA  
TADELA  
INDITA  
ATA  
DELA  
ADELA  
RTADELA  
TA  
INDITA  
ITA  
TADELA  
ELA  
ENDITA  
DELA  
ELA  
TADELA

**Pré-vestibular**  
**curso para**  
**negros e carente**



## **SACRIFÍCIO E RESPONSABILIDADE**

De acordo com o que nos lembra Claudia:

*“estes mesmos jovens que cursavam a PUC-Rio e que vieram dos Pré-vestibulares para Negros e Carentes (PVNCs), fundado pelo Frei David, por receberem uma bolsa de cunho social, tiveram que dar uma contrapartida que era a realização de trabalhos comunitários, além de ter que manter um coeficiente de média igual ou superior a sete.*

*Dentre as ações sociais realizadas a organização de cursinhos pré-vestibulares para outros jovens carentes. Estes cursinhos, aconteciam aos sábados, em alguns bairros do Rio, nas favelas e em alguns municípios da Baixada Fluminense. Em espaços cedidos por instituições tais como igrejas, associações e escolas. As pessoas relatavam a experiência com alegria, pois era a oportunidade de retribuição e, também atuação como agentes transformadores, estimulando outros jovens a atuar em suas realidades. Toda a estruturação dos cursos ficava sob a responsabilidade do grupo, o trabalho era, também, estimulador do voluntariado. Uma pequena taxa, era pedida aos participantes como colaboração, que serviria para comprar o lanche, ajudar na passagem (quando possível) e no material que seria usado.*

*Porém, nem todos os alunos, puderam ou se disponibilizaram a esses trabalhos, quer seja por exaustão/interesse ou por já estar envolvido em outras organizações sociais”.*

**Nada nos foi de graça!**

Eu me perguntava: porque uma carga tão grande nos ombros de poucos. Será que alguns jovens da classe média/alta, que lá estudavam, alguns não teriam também, bolsa de 100% ou 50%? Seria pedido a eles o mesmo sacrifício?

Eu sei que os jovens que assumiram esta tarefa, fizeram com muita dedicação e amor.

Fiquei pensando que estes jovens que assumiram tal compromisso, poderiam não dar conta e desistir do curso. Era preciso muita animação para mantê-los vivos.

Pensei comigo mesma: como é difícil um pobre fazer uma faculdade, ele não tem estrutura, não porque não seja inteligente, mas porque as condições e oportunidades são poucas! É preciso muita garra, por isso é que muitos jovens tendo que trabalhar, largam o estudo. Não foi fácil, mas conseguiram sobreviver a esta experiência.

Para animar o grupo, propus que ao recebermos a primeira remuneração do estágio, fizéssemos uma festa. Era uma forma de manter a alegria e o entusiasmo.

Estágio o dia todo e aulas à noite. Sábados ocupados com cursinho do pré-vestibular. Qual pobre poderia aguentar um negócio desse sem a força de Deus? O esforço e o cansaço, levavam muitos de nós a cochilar nas aulas.

Morávamos longe, pegávamos dois ônibus para irmos embora. Chegávamos em casa quase uma hora da manhã, e, mais, correndo riscos. Não conseguíamos nos alimentar direito por ser muito tarde. Dormíamos pouco, não tínhamos tempo para estudar as matérias e entendê-las. Todos os dias era a mesma rotina.

Foi assim, que alguns como eu, resolveram procurar um lugar para morar mais próximo da PUC. Não encontrando uma quitinete, um grupo, foi morar no Minhocão: um conjunto habitacional enorme localizado na Gávea, colado na universidade, que eles chamavam de Cafofo e que nada mais era do que um apartamento com uma sala e um banheiro para quase 10 pessoas. Uma coisa desumana!

Outros continuaram a ir para casa e eu e a Claudia Araújo, uma das alunas, conseguimos vaga num apartamento ali

no Alto Leblon, na casa de uma senhora chamada Cristina. Ela morava sozinha. Tinha uma única filha que morava na Suíça.

Ela era negra e evangélica e custou a me aceitar por eu ser católica e freira. Claudia a convenceu a me aceitar e com o tempo e vendo o nosso comportamento, se tornou uma espécie de mãe para nós duas. Comenta a Claudia:

*“Ela foi de uma generosidade ímpar, nos auxiliava no que podia. Inclusive vendo o esforço e necessidade me propôs uma troca. Dona Cristina cantava no coral da Igreja Deus é Amor, tinha dificuldade de ler os hinos. Nós estávamos na fase de elaboração do TCC e precisávamos do computador. Saíamos no apagar das luzes do RDC, porque havia um prazo a ser cumprido e no horário de saída a rua estava deserta, ficava perigoso. Então para nos ajudar comprou um computador, onde ficávamos madrugada adentro fazendo o trabalho e eu digitava com letras grandes os hinos.*

*Foi uma acolhida feliz e de muitas trocas, afetos e amizade!”*

O apartamento da Dona Cristina tinha saída para o Leblon e para a Gávea e ficava próximo à PUC-Rio e ao Minhocão.

Numa tarde de Domingo, Claudia e eu, fomos visitar a turma que morava no Minhocão. Deparei-me com uma situação muito degradante: um fogão, vários colchonetes, bolsas com roupas, algumas vasilhas, não me recordo se tinha geladeira.

Ao ver a situação, disfarcei-me para que nenhum deles visse a dor estampada no meu rosto. Sofri, e sofri muito!

Eu não acredito que aquele lugar fosse um paraíso, como disse alguém do grupo que morava lá. Talvez porque não tiveram outra alternativa. Difícil imaginar!

Claudia e eu estávamos numa situação “privilegiada”: tínhamos um quarto com duas camas, um banheiro e uma cozinha que podíamos usar e não um quarto e um banheiro para dez pessoas. Comecei a brincar.

Nós tínhamos levado algo para partilha e o momento do lanche e as conversas nos distraíram um pouco. Mesmo assim, alguém me disse: “irmãzinha, me leva para morar com vocês!”

O que dizer num momento deste? Eu não estava na minha casa e o apartamento só abrigava duas pessoas, no caso, mulheres.

Naquele momento eu queria ter dinheiro suficiente para alugar um apartamento com pelo menos o necessário para abrigar o grupo. Mas a vida não é assim!

Meu Deus, como é duro ser pobre! Ao mesmo tempo, quanta arte, quanta técnica, quanta engenharia para sobreviver, ou melhor, para cursar uma Universidade!



*Eu e Claudia no  
Apartamento*



ATA  
TA  
ADELA  
DITA  
ATA  
TA  
DELA  
ADELA  
RTADELA  
TA  
NDITA  
ITA  
TADELA  
ELA  
ENDITA  
DELA  
ELA  
ADELA

**Trabalho  
em grupo**



## **O ENRIQUECIMENTO E A CRIATIVIDADE**

Os professores quando souberam o que estava acontecendo com a turma, para nos ajudar, começaram a passar trabalhos em grupo, que fazíamos aos domingos na casa de um. Este pensamento foi muito bom, a turma gostou.

O trabalho em grupo trouxe muito enriquecimento, pois surgiam muitas ideias boas de como apresentar o texto. Até músicas e poesias nós fizemos para concluir as apresentações dos trabalhos.

Os nossos seminários eram de uma riqueza e de uma criatividade muito grande. Não poupávamos esforços e nem material para apresentá-los, e se fosse para levar alguém de fora para fazer parte e enriquecê-lo, o grupo se virava para conseguir, como foi o seminário da matéria da professora Lina Boff.

Os grupos não eram os mesmos, sempre trocavam dependendo da matéria que era desenvolvida.

Esses trabalhos nos ajudaram a nos conhecer melhor e a descobrir os dons e os talentos que cada um tinha e a crescermos juntos. Aqueles que entendiam melhor ajudavam na dificuldade do outro, e tudo saía bem.

O nosso fim de semana era todo ocupado com os trabalhos da faculdade. Era raro o fim de semana que nós tínhamos para sair e extravasar um pouco, ir assistir um filme, uma peça de teatro, ir à praia. De resto, lazer, era um sonho.

A única coisa que aliviava o nosso cansaço, era quando terminávamos o trabalho, e podíamos bater um papo e comer algo junto.

Adorávamos quando o nosso grupo ia fazer trabalho na casa de uma das alunas da Zona Sul.



*Apresentações de trabalho em grupo*



Na turma de Serviço Social tinha uma colega que era filha única, de família judia, seus pais não queriam que ela fosse estudar na casa dos outros, então íamos até lá. A mãe dela nos acolhia muito bem, preparava umas comidas gostosas, feitas com farinha de quibe, estas coisas de árabe, sabe?

Outra casa boa e que gostávamos de ir fazer trabalhos e também nos sentíamos muito bem, era de outra aluna, a Maria Severa. Ela e eu, éramos as mais velhas da turma. Ela morava no Morro dos Cabritos, em Botafogo, Zona Sul do Rio. Ela conhecia a todos no morro e todos tinham muito respeito por ela, isto era muito bom. Quando subíamos o morro, as pessoas que encontrávamos, percebiam que éramos diferentes, nos cumprimentavam, não nos conheciam, mas sabiam que íamos para a casa da Maria Severa.

Assim que terminávamos os trabalhos, partilhávamos um almoço bem gostoso, acompanhado de refrigerante e uma "cervejinha". A música não podia faltar. Dançávamos e ríamos muito. Era só alegria!

Algumas vezes, até quem não fazia parte do grupo, aparecia por lá e era uma festa. A turma gostava de estar junto e amontoada. Era o nosso domingo de lazer!

Para não dizer que não tivemos um dia de lazer, recordei, de um dia, não sei se era domingo ou era feriado, em que fomos fazer um passeio num sítio lá em Queimados na casa de um conhecido de um amigo da turma. Neste passeio, foi a turma toda e mais alguns agregados. Foi um dia agradável, brincamos, tomamos banho de piscina, comemos um bom churrasco, dançamos muito e colocamos o papo em dia.

Às vezes a Claudia e eu, já que estávamos morando perto da praia, depois das aulas, que terminavam às 22h15, íamos dar uma volta para descansar.

Quase todos os dias ficávamos até altas horas estudando para dar conta das matérias, já que durante o dia não tinha-

mos tempo devido ao estágio. E pensar, que às 5h tínhamos que pegar ônibus para ir para o estágio. Eu estagiava no centro de Duque de Caxias e Cláudia no INMETRO, em Xerém.

Coisa de doido! Parafraseando a música do Zé Ramalho a gente canta:

*"Eh, vida de gado, povo 'lascado', povo feliz"*



*Seminários temáticos.*





*Descontração após elaboração de trabalhos na casa da Severa.*

A  
TA  
ADELA  
DITA  
A  
TA  
DELA  
ADELA  
RTADELA  
TA  
NDITA  
TA  
ADELA  
ELA  
ENDITA  
DELA  
ELA  
ADELA

## **Os professores**



## OS PROFESSORES

Tivemos vários professores. Uns mais próximos, outros distantes, outros severos, preconceituosos e indiferentes, outros com medo de se comprometer com uma realidade diferente e gritante.

Quero aqui destacar algumas professoras e professores que mais se aproximaram de nós e nos marcaram:

**Arlete Alves Lima**, professora de História do Serviço Social, era mais que uma professora para nós, era a nossa mãezona! Se preocupava com tudo e com todos. Ela era sensível, atenciosa, carinhosa, mas a fala e o jeito da turma de se expressar causava-lhe medo, pois tudo a levava a pensar no comunismo. Uma vez me perguntou:

*“Eles são do PC do B ou Petistas?”*

Eu lhe respondi:

*“Se são do PC do B ou Petistas, eu não posso te dizer, só sei que são jovens de muita consciência, oriundos de movimentos populares, CEB’s e Pré-vestibulares para Negros e Carentes, onde lá não só se aprende as gramáticas, mas aprende-se a real história do Brasil, tudo sobre conjuntura brasileira, tudo sobre a injustiça implantada neste país”.*



*Professora Arlete e Valério*

Era interessante, porque mesmo com medo do comunismo, isto não a impediu de pensar no grupo, de estar com ele, de sentir com ele e ser com ele. Em todos os momentos realizados pela turma, a Arlete fazia questão de estar junto. A alegria do grupo, trazia-lhe, vitalidade.

E a **Luiza Helena Nunes Ermel**, Diretora do Departamento, eu a tenho como aquela **mulher guerreira**, poderosa, de um temperamento muito forte, firme. daquelas mulheres batalhadoras, determinada. Ela sabia o que queria e onde queria chegar. Deu vida ao Departamento, fez as pessoas acreditarem que eram capazes e levou o curso do Serviço Social para frente sem medo. Aquela mulher que mesmo morando no “asfalto” (Zona Sul do Rio), não tinha medo de entrar nas favelas, subir morros e dialogar com os donos do tráfico. Aquela que não via traficantes, mas pessoas humanas, caracterizadas por pouca ou nenhuma provisão de serviços, de baixa escolaridade e renda, na maioria negras, destituídas de seus direitos e empurradas para um mundo subalterno, onde as condições financeiras e o desejo de sobrevivência os levaram a entrar, talvez sem querer, no mundo do crime. O olhar de Luiza Helena representa bem a ideia que nos apresentam Naiff e Naiff (2005, p.109):

A libertação dos escravos no final do século XIX e a grande imigração de europeus no começo do século XX foram responsáveis por uma demanda por empregos que a conjuntura socioeconômica da época não conseguia absorver. Os negros ex-escravos foram libertados sem nenhuma proposta de inserção no mercado de trabalho; pelo contrário, foram colocados em situação jurídica irregular com a criação da lei de repressão à ociosidade, um mês após a promulgação da Lei Áurea. Essa população de escravos, somada aos imigrantes que não conseguiam se adaptar aos padrões impostos pela sociedade, formaram os contingentes de despossuídos que ocupavam as ruas e os cortiços da cidade do Rio de Janeiro, vivendo em condições sub-humanas”



*Diversos momentos com a professora Luiza Helena Nunes Emel*



A professora **Bianca Freire**, professora de Sociologia, era de uma ternura, meiguice, um doce de criatura. Com o olhar da Sociologia, tentava entender como o grupo, formado por tantas pessoas diferentes, conseguia se relacionar tão bem e sobreviver num ambiente tão hostil.

Permaneceu conosco pouco tempo, porque foi premiada com uma bolsa de estudo nos Estados Unidos, mas foi o suficiente para conquistar a turma.

Antes da sua partida, festejamos junto com outros aniversariantes da turma, o aniversário dela. A turma se emocionou e ela também. Imagina, um grupo de pobres, fazendo festa para uma professora de elite! O que para muitos, foi difícil de entender.

*Momentos da professora Bianca Freire*



Um professor que marcou profundamente o nosso grupo foi o **Professor Augusto Sampaio**, a seu respeito o nosso colega Odenilson com muito entusiasmo relata que:

*“O Professor Augusto Sampaio, Vice-Reitor Comunitário, é um personagem nessa história, de muita importância e com muitas páginas escritas!”*



Na descrição de uma aula que se tornou histórica para o nosso grupo, Odenilson afirma que ele “expressa esse sentimento de criar alternativas, pertencer e ter compromisso com a comunidade onde morávamos, através de uma linguagem que possibilitasse a participação de todos”. Nas suas palavras, relembra:

*“parece que foi ontem, era uma manhã ensolarada na Universidade, aula de Economia do Professor Augusto. **Gugu**, carinhosamente chamado pelas meninas do grupo. Ele estava, como sempre, com um cigarro apagado na boca. Durante todas as suas aulas, contava suas histórias de vida,*

*em uma operacionalização que relacionava sua formação profissional com suas realizações pessoais para incentivar a criatividade dos alunos.*

*Nesse dia, além do conteúdo de suas aulas, ele recebeu de surpresa, a notícia que nós, os alunos do PVNC saímos na capa do caderno do Jornal o Globo Baixada.*

*Ele iniciou a aula descrevendo alguns shows que havia assistido no Canecão. Os olhos dele brilhavam e os nossos também de ver o militante da ditadura, depois de tantos sofrimentos descritos por ele, em outras aulas, falando da beleza da vida. Disse que o investimento em diversão seria o negócio do futuro. Para fortalecer o seu pensamento inicial, ele nos contou que em uma viagem, a passeio, entrou em uma máquina de bronzeamento artificial em um hotel luxuoso e quase teve queimaduras! A sua história, aliada à sua alegria, nos dava vontade de conhecer a tal máquina e nos divertir. Essa sensação nos fazia sonhar que o que ele falava era tão real que entendíamos as aulas com facilidade.*

*Era a beleza da práxis em uma dialética amorosa, ou seja, ele nos olhava como se olhasse para ele mesmo no futuro e nós desejávamos ser iguais a ele, uma pessoa contente e realizada profissionalmente.*

*A expressão da sua felicidade em ver, nós alunos do PVNC, lideranças de movimentos sociais e igrejas do estado do Rio de Janeiro na sua aula, era luz para no nosso mundo!*

*O professor Augusto parecia estar em um restaurante luxuoso contando suas histórias de conquistas para amigos de longa data.*

*Na sequência da aula nós levamos, para o professor Augusto, um caderno do Jornal o Globo Baixada, que estampava uma foto nossa dizendo **“Alunos do Pré-Vestibular para Negros e Carentes são nota dez na Universidade”**.*

O GLOBO

Guia de compras  
e serviços  
*Encarte*

# BAIXADA

A coluna de  
Jean Kuriak  
*Páginas 6 e 7*

DOMINGO, 24 DE NOVEMBRO DE 1996 — Nº 322



Janaina Alves e Cristiano  
Leal (em pé); Rosanna  
Abreu e Odemilson Argolo

## Nota 10 em dedicação

*Alunos carentes da  
região brilham na PUC*  
Página 24



DE CIMA PARA BAIXO, Geane, Simone, Cristiane e Odilonson, na PUC: esforço recompensado com uma bolsa

## Dedicação e vontade na ponta do lápis

Grupo de alunos de pré-vestibular para negros e carentes brilha na PUC

Robiana Pinheiro

**N**ão existem limites quando se quer realizar os próprios sonhos. A frase — cara-chefe dos livros de auto-ajuda — é mera redundância quando se fala da história de 84 estudantes que, nos últimos três anos, conseguiram bolsas de estudo na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC). Vindos de famílias humildes da Baixada — a maioria estudou em escolas públicas — eles superaram as dificuldades de ensino e as dificuldades financeiras para ocupar uma vaga numa das melhores e mais elitizadas universidades do estado.

É, como diz outro ditado popular — a união faz a força — eles dividiram tudo nos últimos dois anos, do almoço às despesas com apostilas. O resultado não poderia ser melhor: notas altas, assiduidade e engajamento político os destacam hoje na universidade.

Per Inácia, a senente desse sonho foi plantada numa sala calorenta — onde o único conforto era um ventilador de teto ruidoso — dentro de uma escola, no Centro de São João de Meriti. Era a turma de 84 do

curso de pré-vestibular para negros e carentes que todos os anos leva dezenas de jovens para as universidades particulares e públicas, com a ajuda de bolsas de estudo. Em toda a Baixada, há atualmente 46 desses cursinhos, todos sob a coordenação do frei David Raimundo dos Santos.

Cátia Soares de Sant'anna, de 23 anos, vivia nesta época num lote de terra em Guadalupe e trabalhava numa creche para sustentar a mãe e o irmão. Estudava aos sábados, das 8h às 17h, e à noite, debaixo da luz fraca de sua barraca, devorava os livros emprestados pelos colegas de turma.

Cátia foi aprovada para o curso de serviço social da PUC, ficando com a sexta colocação. Agora, ela faz estágio e mora sozinha, em Nilópolis, mas continua usando um antigo artifício para não pagar a passagem dos quatro ônibus que pega todos os dias.

— Uso uma blusa de colégio estadual — revela, com certa vergonha. Não estou aqui por acaso, fiz por onde e tenho direito de estudar.

Uma longa viagem é o que percorre diariamente a estudante de letras Geane Campos,

de 23 anos. Ela mora em Nova Campânia, na subida da Serra para Petrópolis, e demora três horas para chegar à universidade. No mesmo caso está Daniela Bastos Silveira, de 20 anos, que mora no Cordeiro, também em Caxias. Porém, se a pergunta é se vale a pena tanto sacrifício, a resposta das duas é imediata:

— Claro.

O show, no entanto, não pode acabar. O último capítulo dessa história recheada de lutas é defendido pelo aluno Odilonson Angelo Sant'anna, de 24 anos. Ele já abriu, por conta própria, mais três cursos de pré-vestibular: um em Maricá Hermet, onde mora, em sua própria PUC e outro em Juru de Fora. O mesmo fez Cristiane de Jesus, em Vila Rosal, bairro de São João, e Simone Modanera, em Acari.

— É o nosso retorno à comunidade — avalia Argolo.

A filosofia em prol do social tem conquistado também os diretores da PUC. Para o ano que vem, eles incluíram a Semana da Consciência Negra — promovida pelo grupo de alunos carentes e aberta a todos — no cronograma oficial da universidade. ■



Dedicação e vontade na ponta do lápis

13

ESTE PROJETO É BARRADO

*A reportagem falava da nossa alegria em passar no vestibular e das dificuldades que enfrentamos para chegar a Universidade, para buscar conhecimento, com o objetivo de melhorar as comunidades onde morávamos, compromisso construído ao longo de nossas vidas, nos movimentos comunitários, na sua maioria, nas igrejas, como agentes da Pastoral de Negros, Pastoral Operária, Pastoral de Favelas, Pastoral da Juventude e no Pré-Vestibular.*

*O professor Augusto, muito sábio, para provocar uma reflexão dos alunos de outros Departamentos, disse: “olha que lindo o trabalho desses meninos, para chegar a uma capa do Jornal O Globo tem que trabalhar muito”.*

*Nesse momento, ele passou o Jornal para outros alunos que não eram da nossa turma e os olhos deles mostravam-se surpresos, como se não estivessem acreditando.*

*Lembro que nesse dia havia um aluno branco, loiro, de olhos azuis, que falou que estava há muito tempo procurando um espaço no jornal e parecia não entender porque conseguimos mais rápido do que dele. Esse comentário foi motivo para o professor Augusto nos parabenizar pelo compromisso social que trouxemos para Universidade, dizendo que jovens negros não são só notícias de páginas policiais. Essas palavras eram sempre de forma alegre e fundamentada na realidade, neste caso o nosso sorriso estampado na capa do jornal.*

*Posso afirmar que nosso querido Gugu, em suas aulas, usava instrumentais de mediação, que cobravam da sociedade e da Universidade o compromisso em rever a dívida histórica com o povo negro escravizado até os dias atuais, sem pedir nada em troca.*

*Os gestos, o corpo, as palavras do professor Augusto, ratificavam, que essa dívida com o povo negro deveria ser paga com acesso à cidadania, pautada no direito, de forma livre, alegre, sensível, profissional e transformadora.*

*Este relato é a constatação da marca que as pessoas deixam sobre os outros. Assim, como o professor Augusto, as professoras Luiza Helena e a Arlete, como tantos outros professores, os religiosos, os colegas de turma e tantas pessoas que com presença e gestos, fizeram parte dos pilares de nossa formação acadêmica e ética.*

*Estes referenciais profissionais e humanos, além da capacitação teórica, nos oportunizou conexão a nossas realidades e poder transformador, nos lapidando, para uma atuação consciente e crítica, perante as cenas do cotidiano.*

Como disse o Odenilson, o professor Augusto, era uma pessoa que sentia alegria em nos encontrar. Para ele ter os alunos negros e carentes dentro da Universidade, era a concretização de um sonho antigo, que se tornara realidade. Como cristão e militante, sempre se preocupou com o destino dos mais pobres!

Recordo-me da professora **Eliza Ambrosio**. Ela lecionava a matéria: Introdução Teórico-metodológico do Serviço Social.

*Professora Eliza Ambrosio*



Que criatura doce e extrovertida! No primeiro dia de aula, levou uma música e pediu que nós a analisássemos. Era a música **“Os Brasíadas”** cantada pela Bete Carvalho, que retrata a colonização do Brasil, a dizimação das tribos indígenas e a apropriação das terras brasileiras. O que ela não podia prever, foi que no último dia em que ela daria aula para nós e que seria a comemoração de seu aniversário, esta mesma música serviria para a apresentação de um teatro de despedida.



Eliza, assistente social, moradora da Zona Sul, com seu jeito brincalhão, era uma comediante. Nos divertia com suas caricaturas, contando alguns fatos que se passavam dentro dos ônibus, quando ia para a PUC-Rio dar aulas. Pessoa sensível, se emocionava à toa, nos fazendo chorar junto com ela. Pessoa de muita firmeza, quando discordava de algum pensamento nosso, com muito jeitinho, mostrava o porquê

da discordância, nos convencia e nos levava a refletir sobre o acontecido. Tínhamos liberdade de expressar os nossos pensamentos e discordar dela em suas aulas. Era uma pessoa que aprendeu a respeitar e valorizar a turma. Eliza, é aquela que se emocionou ao nos ver partilhando o nosso almoço e passou a sentar-se conosco, fazendo parte da partilha.



E **Sueli Bulhões**, assistente social. Que mulher maravilhosa! Professora de Teoria do Serviço Social I, era uma grande conselheira, paciente, atenciosa, muito firme, sabia entender as dificuldades da turma e se preocupava com todos. A todos escutava e procurava fazer o que era de melhor. Me recordo de uma noite, numa de suas aulas, escutou barulho de papel e alguns dizerem: “passa para cá, faça chegar até aqui, eu também quero!” Ela virou-se do quadro em que escrevia e viu um pacote de biscoito, daquele recheado que custava um real e muitas vezes era comprado nas ban-



cas, na Central do Brasil, rodando pela sala. Interessante é que este ou mais um pacote de biscoito tinha que dar para todos. Ficou chocada, ela deu uma voltinha no corredor para despistar o mal-estar que a envolvia e depois voltou.

Imagino o que tenha passado pela sua cabeça naquele instante. Quantos biscoitos talvez ela tivesse em casa que nem ligava, e a turma ali, partilhando um pacote de biscoito. É de chocar!

Sueli, eu a considero uma grande amiga, conselheira, aquela pessoa que como diz o poema:

“ela tem um colo que acolhe, braço que envolve, palavra que conforta, silêncio que respeita, alegria que contagia, lágrima que corre, olhar que sacia, amor que promove”.

Eu digo isto, porque passamos por vários momentos difíceis de incompreensão dentro do Departamento de Serviço Social.

Aconteceram fatos inaceitáveis durante o estágio com um supervisor de campo, que fizeram com que o nosso grupo, e eu principalmente, tomássemos uma atitude. E foi aí que a coisa esquentou!

Foi convocada uma reunião com todos os supervisores de campo, vários professores do Departamento e a nossa turma.

Nada do que dissemos foi aceito. Mesmo sabendo que tínhamos razão, o supervisor é que ficou numa boa.

Para mim, isto era inadmissível. O que eu não aceitava, era termos razões, dar prova do acontecido e apesar de tudo, sermos contestados, passarmos vergonha e sermos humilhados.

Apesar de sermos estudantes, não merecíamos respeito?

Eu passei a entender que o aluno pobre, nunca tinha razão mesmo estando certo. Isto me trouxe muita angústia e me levou a um stress muito grande e fez com que, a partir daquele episódio, eu tomasse a decisão de procurar o meu próprio estágio.

Afinal, quem é o assistente social? Não é aquele que deveria defender os direitos, ser verdadeiro? De que lado estava a verdade?

*“Um dia a vida me bateu com tanta força  
que me ensinou a resistir...”*

*Um dia, mentiram para mim de tal maneira  
que me doeu e, então, eu aprendi a sempre seguir  
em frente com a verdade....*

*Um dia me falhou quem eu menos imaginava e entendi  
que as palavras devem ser cumpridas e  
os atos assumidos... Às vezes, é preciso virar a  
página e começar do zero....*

*EMBORA CUSTE OU DOA....*

*O melhor guerreiro não é quem sempre triunfa,  
mas quem volta sem medo à batalha”*

*(autor desconhecido)*

A professora Sueli, foi aquela que mais entendeu o ocorrido. Era a que estava sempre pronta a me e a nos escutar, a dar uma palavra de consolo e força para a turma. Eu sabia que às vezes eu tomava do seu tempo de descanso, de preparar aulas, até mesmo de atender outras pessoas, mas ela nunca se negou em momento algum a ouvir as minhas queixas, dores e lamentos, a enxugar as minhas lágrimas e me dar apoio. Foi aquela pessoa amiga com quem eu pude desabafar e contar em qualquer momento, até pelo telefone. Que não se importava se eu era freira, me tratava como qualquer outra pessoa, alguém que precisava ser ouvida e aconselhada. Me corrigia e às vezes, quando eu estava errada, se precisasse, puxava as minhas “orelhas”.

*“O amigo não passa a mão quando fizemos algo errado, está firme ao nosso lado, puxa a orelha, chama a razão*

*(Cora Coralina)*

Às vezes precisamos de um ombro amigo e com a Sueli, eu pude experimentar este ombro que ampara e acalenta.

À Sueli, a minha eterna gratidão e o meu carinho.

A **Sonia Travassos**, professora de Antropologia. No início muito séria, até rígida conosco. A partir dos primeiros trabalhos que ela deu para os grupos apresentarem sobre



*Seminário de Antropologia*

Claude Lévi-Strauss e vendo a forma criativa e os conceitos apresentados sobre os textos é que ela foi amolecendo, mudando a visão sobre o grupo e descobrindo o quanto a turma era capaz de fazer uma leitura da realidade dos povos do Brasil. Como mostrar e explicar esta convivência e esta adversidade cultural, que fizeram do nosso país, o que ele é: esta riqueza de raça tão bonita, mas não reconhecida e nem valorizada?

Como diz Lévis-Strauss (1980, p. 87):

“A diversidade das culturas humanas está atrás de nós, à nossa volta e à nossa frente. A única exigência que podemos fazer valer a seu respeito (exigência que cria para cada indivíduo deveres correspondentes) é que ela se realize sob formas em que cada uma seja uma contribuição para a maior generosidade das outras”

E não é impossível a convivência. Nós não conhecíamos os conceitos, mas tínhamos a experiência. Afinal, a maioria de nós, era de negros, alguns descendentes de indígenas, japoneses e brancos.

No trabalho apresentado sobre o texto de Claude Lévis-Straus, nosso grupo, arrumou as roupas características do



tempo da colonização para explicar o texto que nos foi dado para análise. Negra, índia e europeia interagindo uma com a outra. Assim, fomos explicando o texto e encerramos com uma música feita por mim. Sonia ficou encantada com todas as apresentações, pois todos os grupos foram criativos. Isto a ajudou a ver a turma com outro olhar e estas apresentações, fizeram com que ela se aproximasse mais da turma e mudasse completamente o seu modo de dar aula. No final, já era nossa amiga e alguns já a chamavam carinhosamente de Soninha.



*Professora Themis Aline*

Outra pessoa maravilhosa, era a professora de Direito, **Themis Aline Calcavecchia dos Santos**.

Esta criatura chegou sem preconceitos. Posso dizer que se enturmou conosco de cara. Ela dava dois horários de aula na sexta-feira e algumas vezes, no último horário, perguntava se queríamos ir para um barzinho na Gávea para comer-

mos bolinho de bacalhau com ela. A turma se entusiasmava. Este barzinho, era frequentado por gente da alta e vários artistas. Tudo era combinado e compartilhado. Ela não tinha vergonha de nos apresentar para as pessoas, pelo contrário, fazia questão. Dizia que éramos além de seus alunos, seus amigos.



As professoras **Sonia e Themis**, estavam para apresentar suas teses, e no dia, combinamos de fazer uma festa para elas. Convidamos todos os professores que conhecíamos e os outros amigos que faziam outros cursos. Foi num sábado após a apresentação da tese. A minha Congregação tinha uma casa fechada lá em Xerém, Duque de Caxias, e foi para lá que fomos e fizemos um churrasco com direito a pagode e bolo!



*Lina Boff em sala de aula*

Na véspera, eu levei um grupo comigo e preparamos tudo para o dia seguinte. De manhã começaram a chegar o restante da turma, alguns professores e as festejadas. O salão foi decorado com bolas, fitas e o bolo. O churrasco foi no espaço pelo lado de fora. Alguns alunos levaram seus parentes e foi só alegria. Sonia e Themis, ficaram surpresas e emocionadas com a homenagem e nós também! Sentíamos a alegria de partilhar com as pessoas, o que éramos e tínhamos.

A **professora Lina Boff**, que mulher excelente! Ao falar de Cristianismo para nós, não teve muitas dificuldades, nem se espantou conosco. Era uma religiosa que trabalhava com as CEB'S e com o povo pobre e de maioria negra. Ela sabia que éramos capazes de ligar a fé com a vida a partir da leitura bíblica e a realidade. Nos entusiasmávamos em sua aula. Falávamos a mesma linguagem, entendíamos bem quando ela nos falava que como pessoas de fé, assistentes sociais e grupo, tínhamos uma grande missão dentro da sociedade. O quanto nós "privilegiados" não devíamos perder o foco do que aprendemos em relação ao ser humano, à intolerância religiosa, ao que somos, ao amor, à comunhão fraterna e à igualdade. Fazer tudo para que as diferenças religiosas não atrapalhassem o nosso caminhar, e que esta realidade de injustiça social pudesse um dia melhorar e que todos, tivessem as mesmas oportunidades.

### Assim se expressa o seu irmão Boff (2000, p.7):

Em primeiro lugar, diz-se que as CEBs são “focos de participação eclesial”. Mas é porque, mais na base, elas vivem a ideia de comunhão, com toda a sua carga religiosa e também humana. Elas perseguem o ideal da *communitas*, onde as relações são de bem-querença, de igualdade, de partilha da vida. É, no fundo, a mística da fraternidade que as move, tal como se expressa, por exemplo, em textos bíblicos como: “eles eram um só coração e uma só alma... Tudo entre eles era comum” (At 4,31).

Diz-se também que as CEBs são “focos de mobilização social”. Mas por trás disso arde o ideal do amor cristão, um amor que se quer concreto, eficaz e que se inclina preferencialmente sobre os abandonados. Nas CEBs fala-se muito nos temas bíblicos do “amai-vos uns aos outros”, do “amor



*1º Congresso Carnal*

ao próximo”, dos “pobres”, temas esses que levam, posteriormente, a insistir na “justiça social”, na “mudança da sociedade”, enfim na “libertação”. E essa é outra importante contribuição histórica das CEBs: a de envolver ativamente os pobres na luta pela transformação social a partir da própria fé. Pois não se pode ignorar o quanto a fé popular foi, no curso da história, manipulada pelos poderes estabelecidos e o quanto, na vivência do próprio povo, a religião permaneceu reduzida à força de melhoria social, de assistência, quando não de mera resistência.

O **professor Adair Rocha**, lecionava a matéria: “O Homem e o Fenômeno Religioso”, era negro como nós.

Ficou pouco tempo conosco, mas tempo suficiente para sentir as nossas dores e humilhações que, creio eu, por ser negro, também deve ter sofrido muito naquele lugar. Fez-se um conosco.

Entendia o nosso drama e com muito carinho, muito nos ajudou em sua matéria, nos fazendo entender o valor, o sentido e a importância da religião na formação do ser humano e na construção do mundo.



*Professor Adair*

### Ele nos dizia:

*“sem o Sagrado, o ser humano cai num vazio muito grande e perde o sentido da vida. A experiência do sagrado impulsiona o homem a amar, pois Deus é amor! O homem não vive sozinho. Ele, para viver, precisa construir relações e o primeiro relacionamento, é com Deus, o Criador, depois com os outros. Neste relacionamento, o homem vai construindo o seu mundo, buscando laços de solidariedade, de ajuda, que lhe permita enfrentar as dificuldades existentes para construir uma sociedade melhor”.*

**Ilda Lopes**, professora de Metodologia Dialógica, uma pessoa muito paciente. Com seu jeitinho calmo de explicar a matéria e vendo o interesse da turma, se empolgava. Ela gostava quando as pessoas faziam perguntas!



*Professoras Arlete e Ilda na formatura*

Nos explicava que o profissional do Serviço Social, com sua formação teórico metodológico, é aquele profissional que na sua experiência e na prática do dia-a-dia, e capaz de intervir dentro de uma realidade, buscando transformá-la.

Orientava com muita nitidez a matéria e gostava de estar com a turma, de conversar, de saber o que nós fazíamos e como fazíamos fora da Universidade. Como interagir dentro desta sociedade tão carente de políticas públicas.

**Antônio Rezende**, (in memoriam) professor da História da Filosofia. Era como dizem os italianos, o nosso “nono” querido! Idoso, uma pessoa firme e de uma sabedoria extraordinária. Que paciência em explicar!

Imagina, falar para esta turma que a filosofia é uma ciência, que nos leva a questionar todos os problemas existentes, e saber o porquê de tantas injustiças e miséria neste mundo quando a turma já experimentava na carne, o que é ser injustiçado, sofrer discriminação e querer entender a raiz de tudo isto?



*Professor Antônio*

O professor, ficava impressionado com os questionamentos que eram feitos pela turma, queríamos compreender melhor as incoerências do sistema que dizia que todos somos iguais diante da lei, mas que na prática isto não acontecia.

A participação da turma nas aulas, levava o professor a se entusiasmar e gostar de dar a matéria, pois ele sentia um interesse muito grande do grupo e gostava de ficar filosofando conosco.

Posso dizer que tivemos ótimas professoras e professores. Uns conseguiram nos entender e outros não. Uns pensavam que com rigidez nos ajudavam. Outros, como o caso de uma professora, madame da Zona Sul, que não queria dar aula para um grupo de favelados que estudou em colégio público. Tratou-nos com indiferença e nos humilhou na frente de outros alunos que faziam a matéria conosco. O caso acabou na Reitoria e a professora foi substituída.



Enfim, todo este acontecimento possibilitou coisas boas: alguns jovens que faziam algumas matérias conosco, sentiram as nossas dores e se aproximaram mais do grupo e estreitaram a amizade conosco.

Naquele fim de semana, após sofrermos a humilhação da professora, uma das jovens que estudava conosco fez um churrasco na casa dela lá na Barra da Tijuca e fez questão que todos fossemos participar. E fomos!

A professora Luiza Helena como outras professoras e supervisoras de campo, também participaram. Foi um Domingo maravilhoso! Lá, nenhum de nós se sentiu desigual.

Nós viemos de escolas públicas. Todos sabem como é o ensino público no nosso país. Tínhamos dificuldades na escrita, precisávamos de alguém que nos ajudasse e na PUC-Rio tinha professores do Departamento de Letras que dominavam o Português. Em substituição da professora preconceituosas, apareceu um anjo bom chamada **Beatriz de Castro Barreto**, que se prontificou a dar aula de Português para nós.

Enquanto uma se negou a dar aula de Português para os pobres, Beatriz, era a paciência em pessoa! Não se cansava nunca em explicar e repetir a matéria. A ela devemos muito.

Não queríamos que ninguém tivesse pena de nós, mesmo porque não era necessário. Só queríamos ser entendidos e valorizados.

*Professora Beatriz*



Muitos cristãos se dizem cristãos, mas não entendem o sentido da palavra compaixão. O que é a compaixão?

No meu entender, compaixão é olhar o outro de forma diferente, com o olhar de Deus. É acreditar que a pessoa é capaz, que ela tem valor, é ajudá-la a revelar-se, dando a ela condições de ir até o fim naquilo que ela acredita e é capaz de fazer e fazer bem.







A  
TA  
TADELA  
IDITA  
A  
TA  
DELA  
ADELA  
RTADELA  
TA  
INDITA  
ITA  
TADELA  
ELA  
ENDITA  
DELA  
ELA  
TADELA

**Os alunos**



## **CARACTERÍSTICAS CARINHOSAS**

Ah! Estes eram interessantes.

No grupo, algumas pessoas eram conhecidas além do nome, por suas características: Assim, tínhamos a japonesinha, atenta a tudo e a todos; a menina do sorriso mais bonito da sala; a irmãzinha ou Neizinha, como me chamavam; a estressadinha; a charmosa; a namoradeira; a cricri. Ainda tínhamos: a sexual; a inteligente; a mascote do grupo; encrenqueira; a modelo; o paquerador; os pagodeiros; o malandro; os preguiçosos; os tímidos e por aí vai.

Ninguém se aborrecia com isto, fazia parte do grupo.

Foram estas características que fizeram do grupo uma marca única. Um grupo bonito, com suas características, mas que sabiam se respeitar. As diferenças não nos atrapalhavam, pelo contrário, nos enriqueciam. Procurávamos aceitar a cada um, sem dramas.

O sofrimento e as dificuldades foram unindo o grupo cada vez mais. Cada um com o seu jeito de ser e de pensar. Éramos um por todos e todos por um. Nenhuma diferença nos impedia de caminhar juntos e de ajudarmos uns aos outros. Partilhávamos tudo: do sofrimento às alegrias.

*Pagode na sala de aula: aniversário da Oneize.*





*Praça das araras, no campus da PUC.*

*"Meu mundo é feito de pessoas que são as minhas e eu não posso perdê-las sem me perder."*



A  
TA  
ADELA  
DITA  
A  
TA  
DELA  
ADELA  
RTADELA  
TA  
NDITA  
TA  
ADELA  
ELA  
ENDITA  
DELA  
ELA  
ADELA

## **As Festas**



## A ALEGRIA E A PERCEPÇÃO



*Churrasco na Barra da Tijuca.*

Éramos um grupo festeiro. A alegria era uma marca do grupo. Querendo ou não, mudamos um pouco a cara fria da universidade. Sim, porque me pareceu que universidade é coisa para elite.

A maioria dos ricos, não está preocupada com as pessoas ou com aqueles que trabalham para eles, vivem ou sentem. O que importa é cumprir o seu papel e acabou. Tem pessoas que não percebem aqueles que estão ao seu redor, não estão nem aí com aqueles que os servem, mas sim com sua carreira e pronto. Talvez nunca entenderam o sentido profundo da palavra relacionamento.

Os pobres, não conseguem viver isolados. Tudo é motivo para se juntar, sentir o calor e a alegria do outro. O outro é importante e isto ninguém podia entender melhor do que nós!

Éramos um grupo organizado. Tudo era planejado. Antes, sentávamos, pensávamos, criávamos e dividíamos as despesas e tarefas. A criatividade surgia e íamos comprar o que precisava para dar o colorido da festa.

Um dia, fizemos uma “vaquinha” e fomos na rua da Alfândega, no Centro da cidade. Compramos toalhas rendadas para as mesas de doce e salgados, copos, pratinhos, guardanapos, bolas, etc. Tínhamos as nossas coisas guardadas para a hora que precisássemos.



*Professora Eliza Ambrosio*

E assim, aconteceram várias festas: a primeira foi o aniversário e despedida da professora Bianca no espaço (varanda) da Pastoral Universitária. Esta foi uma pequena festa. Eu pedi ajuda dos meus conhecidos para realizá-la.

A segunda foi a da professora Eliza Ambrosio. Esta foi no auditório da Pastoral. Foi uma senhora festa! Conseguimos

muitas coisas para sua realização. Surpreendemos a aniversariante, com a presença do seu esposo, que nós não conhecíamos. Eliza se emocionou e foi um chororô.

Também no ano seguinte, no seu aniversário e último período em que Eliza deu aula para nós, fizemos uma grande festa. Esta foi dentro da sala, com direito a bolo, bom-



*Seminário "Os Brasíadas".*



bons, docinhos, salgados, refrigerantes e uma bela encenação. Dias antes, ensaiamos a música **“Os Brasiadas”** dada por ela no primeiro dia de aula. Algumas jovens se vestiram de índios, outros de português e encenaram misturando o período colonial trazendo para a realidade de hoje, toda a destruição da cultura indígena. O espaço da sala, foi todo ocupado com uma tenda e alguns apetrechos. Queríamos mostrar para a Eliza, o quanto foi importante para nós, a análise daquela realidade trazida por ela para nós. De novo, foi um chororô, e Eliza quase não conseguia se expressar de tão emocionada que ficou.

Um dado importante a ser lembrado: em todas as festas realizadas por nosso grupo na PUC-Rio, quando começava a comilança, a japonesinha da turma sumia. Aos poucos fui observando que ela pegava a bandeja com os comes e bebes e ia levar para os ascensoristas e outros negros e pobres que lá trabalhavam e que eram talvez esquecidos por muitos.

Outras festas, também, foram realizadas dentro da sala de aula, como: os aniversariantes da turma, aniversário de outros professores e de ascensoristas. Ah! E o meu aniversário também! Recordo-me com alegria o dia do meu ani-

*Festejando o aniversário de Ir. Oneize*



versário. Ao chegar na sala de aula, deparei-me com dois bolos, refrigerantes e até salgados, comprados pela turma. Com muita simplicidade, me fizeram uma surpresa. Eu não podia imaginar um carinho tão grande! Fiquei extasiada com aquele gesto tão simples e amoroso, que até hoje, trago na minha mente a emoção que senti.

Assim diz a música do Milton Nascimento:

“Amigo é coisa para se guardar, debaixo de sete chaves, dentro do coração”... “Amigo é coisa para se guardar, no lado esquerdo do peito, mesmo que o tempo e a distância digam “não”...”

E assim, estão guardados todos os meus amigos da minha querida turma!

Como tínhamos combinado que ao recebermos a primeira remuneração do estágio, faríamos uma grande festa, esta aconteceu na nossa casa em Xerém e a turma deu o nome de: **1º CONGRESSO CARNAL DA PUC**. Foi um gostoso churrasco com direito a pagode e tudo!

Dias antes, nos reunimos e dividimos as despesas e as tarefas. Os homens ficaram com a compra da carne e as bebidas e responsáveis de fazer o churrasco. As mulheres, com a cozinha: arroz, farofa, maionese, vinagrete e salada. Nesta festa, fizemos a comemoração das teses de duas professoras: Sonia e Themis. Alguns alunos levaram seus familiares e o dia foi de uma alegria sem igual.

Em Xerém, também realizamos a nossa festa junina. Enfeitamos a casa com muitas bandeirolas, balões e outros enfeites. Me recordo que nesse dia, estava chovendo e fazia muito frio, mas a turma, e alguns agregados de outros cursos, como alguns professores, não se intimidaram com a chuva e o frio, compareceram e a festa foi muito boa. Todos trouxeram de casa algo para partilhar. Organizamos uma mesa de doces com pé de moleque, cocada, bolos de diver-





sas qualidades, maça do amor, quentão e cachorro quente. A churrasqueira foi acesa, o churrasquinho era no espeto e cada um assava o seu. Todos que chegavam, se caracterizavam de acordo com a festa. A quadrilha foi improvisada. Todos se sentiram à vontade, nos divertimos muito.

O Renato da Filosofia e a Sandrinha, a menina do sorriso mais bonito da turma como era chamada, se tornaram os decoradores de nossas festas. Tudo era feito com muito carinho.

Ninguém ficava de fora e nem se encostava nos outros. Todos colocavam seus dons a serviço.

Era uma alegria! Enfim, procurávamos valorizar a todos.

A alegria do grupo era contagiante e atraiu muitas outras pessoas.

O importante era o juntar-se, compartilhar e criar amizades. O ato de comer juntos cria laços e isto, para nós, era importante. As pessoas que nos viam, estranhavam todas estas festas e se perguntavam como podia, diante de tantas dificuldades, fazermos festa.

Nós não estávamos preocupados com gastos, pensávamos em viver o momento. Ver as pessoas felizes, era o que importava.

Nunca como naqueles momentos, nos importamos tanto uns com os outros e com as outras pessoas que se aproximavam de nós. A nossa alegria era poder estarmos juntos, extravasar, nos sentirmos próximos uns dos outros, nos valorizar.

A festa nos dava energia e trazia um novo colorido na nossa vida. Foi uma forma também que arranjamos de agradecer e valorizar as pessoas que conosco conviviam.

Nossas festas também tinham ajudas externas. Naquele época, eu acompanhava o clube de mães da Comunidade





Mãe da Igreja, do bairro Parque Duque e a Comunidade São Paulo, do bairro Paulicéia, todas em Duque de Caxias, RJ. Quando a turma pensava em organizar alguma festa, além da partilha da turma, eu pedia doações para as senhoras do clube de mães e para uma senhora da comunidade da Paulicéia que com muita alegria e prontamente ajudavam. Doavam bombons, docinhos e salgados, e, com muita alegria o faziam!

Na festa de despedida da professora Eliza, foram elas que costuraram as roupas de índios para a apresentação que preparamos sobre a música “Os Brasiádas”. Elas se empolgavam em participar do meu entusiasmo.

Todos os bolos das festas, eram feitos por mim. Eu levava lá para minha casa duas jovens da turma e ficávamos até de madrugada fazendo e decorando o bolo. As irmãs que moravam comigo davam a maior força. De manhã, o Nelson, um senhor morador de Gramacho, também em Duque de Caxias, e funcionário na carpintaria da PUC-Rio, passava com seu carro e nos levava para a universidade com todas as parafernália que tínhamos feito.

Éramos um grupo muito comunicativo. Até os funcionários da carpintaria da universidade, nós envolvemos nas nossas festas e atividades. Eles produziram, arcos, flechas e cabana para a nossa apresentação. Ninguém ficava de fora e eles, os funcionários, ficavam admirados com o nosso entusiasmo, coisa nunca vista dentro da PUC-Rio, e acabavam se somando ao grupo.

O Odenilson, testemunha nosso envolvimento com os funcionários recordando o carinho do grupo com um dos ascensoristas do campus:

*“Todos os dias a turma de Serviço Social encontrava o Sr. Tião no elevador para ir às aulas.*

*Tião era um senhor negro, que tinha a idade de aproxi-*

*madamente setenta anos. Ele transmitia muita alegria ao nos ver, pois éramos a primeira turma de maioria de alunos negros na Universidade.*

*Ele nos dava conselhos, contava piadas e sempre dizia que a universidade estava mais bonita com a nossa presença.*

*Um dia, Oneize Maria, irmã religiosa que fazia parte da turma e que incentivava a maioria dos acontecimentos e eventos importantes da turma, como partilhas, festas, peças, apresentações, confraternizações e demais formas de integração, trouxe a ideia de fazer um bolo para o Tião. A turma adorou a ideia e então começaram os preparativos.*

*Queríamos uma festa completa para celebrar a alegria que ele transmitia ao nos ver todos os dias no elevador como alunos. Então a turma se organizou e conseguiu os ingredientes, os enfeites como chapéus de aniversário, balões coloridos e bolo para umas oitenta pessoas!*

*As festas aconteciam com os quarenta alunos da nossa turma e pessoas de outros cursos que conhecíamos bem, assim como, professores e funcionários.*

*No dia da festa, conversamos com Valmir, outro ascensorista, para cobrir o Tião enquanto ele estava no aniversário. Uma parte da turma subiu com o Valmir com os preparativos e a outra parte da turma conduziu o Tião até a sala de aula onde iria acontecer a festa.*

*Ao chegar à sala todos abraçaram Tião como se fosse uma pessoa da família, comemoramos e logo, logo, muitos alunos da universidade passaram a participar dos vários eventos da turma.*

*O simbolismo dessa festa teve vários significados. O principal deles é que pela primeira vez um funcionário da Universidade foi homenageado pelo vínculo de amizade feito com alunos. A cultura negra da festa ocupou a universi-*

*dade, promovemos a integração de alunos de outros cursos com a nossa turma, bem como com a comunidade universitária*

*Enfim, festas como a do ascensorista Tião e outras, nos davam forças para enfrentar a falta de dinheiro de passagens para chegar na universidade, as dificuldades para comprar os livros, a falta de recursos para alimentação, além de enfrentar as dificuldades financeiras causadas nas famílias para conseguir manter cada um na universidade. Cada dia era uma vitória para o grupo de Universitários oriundos na sua maioria do Pré-vestibular para Negros e carentes”.*

Neste depoimento do Odenilson, vejo que pessoas como o Tião ascensorista, Nelson da carpintaria, como tantos outros negros que trabalhavam na PUC-Rio, eram os invisíveis que se tornaram visíveis através da nossa presença. Procurávamos acolher e valorizar a todos, principalmente os que trabalhavam nos lugares mais escondidos, os “Joãos ninguém” que ninguém queria ver e saber.



Aniversário do Sr. Tião

A  
TA  
ADELA  
DITA  
A  
TA  
DELA  
ADELA  
RTADELA  
TA  
NDITA  
TA  
ADELA  
ELA  
ENDITA  
DELA  
ELA  
ADELA

## **A formatura**



## VITÓRIA FINAL



Finalmente, chegou o dia tão esperado. A formatura!

Foram muitos os momentos de estudo, de cansaço e também de obstáculos para que chegássemos a esse momento. Mas chegamos!

Infelizmente, depois de passarmos esses anos juntos, nem todos da turma, conseguiram concluir o curso no mesmo ano.

Uns, por causa do cansaço, outros desistiram do curso e outros mudaram de curso e de cidade.

Foram quatro anos e meio de muitos sacrifícios. Claro que, sem sacrifício, ninguém consegue chegar em lugar algum, principalmente quem sempre teve a vida sacrificada. Outro drama, é chegar ao final e não poder participar dos momentos festivos como é proposto o protocolo de formatura.

A turma não tinha dinheiro suficiente para uma festa de formatura adequada. Levamos um tempo para decidir se faríamos os convites, retratos e beca. Não foi uma decisão muito fácil, as condições financeiras falaram mais alto, bateu aquele desânimo e a pergunta que ficou no ar foi: se fomos capazes de passar por tantos momentos difíceis, porque seria este momento, empecilho para nós?

Era preciso não deixar o desânimo nos contagiar. Fizemos as contas, decidimos alugar a beca, fazer poucos convites, os retratos do convite em preto e branco e um só re-

trato do grupo colorido. Os outros retratos, nós mesmos tiraríamos com os recursos que tínhamos.

Nossa formatura não teve celebração e nem baile em clube algum. Nós mesmos preparamos a nossa festa. O importante era festejarmos este momento do nosso jeito.

O recebimento do nosso diploma foi realizado no auditório do RDC e nossa festa muito simples, foi feita na quadra do antigo Ginásio Esportivo da universidade<sup>1</sup>. O nosso colega Valério da Silva, foi nosso Orador e a Maria Inês da Silva, a Juramentista da turma.

A festa teve um grande bolo. As meninas levaram os docinhos, eu pedi doação dos salgados e os meninos ficaram responsáveis dos refrigerantes.

Mesmo aqueles que não completaram o curso naquele ano, se envolveram na festa.

Levamos nossas famílias e amigos.

Não foi uma festa de formatura como todo mundo sonha em um clube ou cerimonial, com garçons para servir, com lindos vestidos longos e lindos penteados. Não tivemos cantores ou orquestra, mas, músicas suaves, tocada no aparelho de som que nós mesmos levamos. Nós mesmos nos servimos e servimos a todos.

Foi uma festa alegre, sem protocolos, onde todos se envolveram e se sentiram bem à vontade.

*“A verdadeira coragem está em ir atrás de seus sonhos, mesmo quando todos dizem que eles são impossíveis”.*

*Cora Coralina*

---

1 O Ginásio era localizado dentro do campus, em frente ao antigo bosque das araras. O Ginásio foi demolido em seu lugar foi construída a Igreja do Sagrado coração de Jesus, inaugurada em 2005.



*Formatura do 1º grupo de alunos*



*Formatura do 2º grupo de alunos*



A  
TA  
ADELA  
DITA  
A  
TA  
DELA  
ADELA  
RTADELA  
TA  
NDITA  
TA  
ADELA  
ELA  
ENDITA  
DELA  
ELA  
ADELA

**25 anos depois**





*Câmara Municipal do Rio de Janeiro*

## **MOÇÃO**

*REZUEIRO à Mesa Diretora, na forma regimental,  
que registre, nos Anais desta Augusta Casa de Leis,*

*Votos de Louvor e aplausos à*

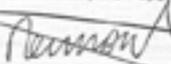
*Oneize Maria Paranhos de Oliveira*

*O Parlamento do Município do Rio de Janeiro, através  
do mandato do vereador Reimont, congratula-se com a  
Primeira Turma de alunos da Pontifícia Universidade  
Católica do Rio de Janeiro - PUC da Política de Ação  
Afirmativa, iniciada em 1994.*

*Homenagem aos vinte anos de inserção de alunos negros e  
carentes na Pontifícia Universidade Católica do Rio de  
Janeiro - PUC.*

*O Parlamento Municipal, tem registrado em seus anais  
esta moção, e isso é motivo de orgulho para esta e as  
futuras legislaturas do Município do Rio de Janeiro.*

*Plenário Teotônio Vilela, 19 de maio de 2015.*

  
*Vereador REIMONT*

## MOÇÃO

Depois da formatura da nossa turma, cada um voltou para suas comunidades de origem e não tivemos mais contatos. Como eu sou parte de uma Congregação missionária, fui enviada novamente para Vila Velha, Espírito Santo, para assumir como Assistente Social, um projeto social que a minha Congregação, junto com alguns leigos da paróquia Nossa Senhora da Conceição Aparecida, em Cobilândia, iniciou num bairro pobre. Nesse bairro, o índice de violência ainda hoje é muito grande. Nessa dura realidade as crianças, e, principalmente os adolescentes, não tendo opções de vida, ficavam à mercê daqueles que, quando crianças, tiveram poucas ou não tiveram condições básicas de sobrevivência e acabaram entrando no mundo do crime e das drogas.

Ali permaneci por seis anos, acompanhando e escutando essas crianças e adolescentes, cujo desejo era somente o de terem uma vida digna, serem reconhecidos, buscando desenvolver neles e com eles, seus talentos, aptidões e sonhos, que, por dificuldades financeiras, já estavam quase apagados.

Foram anos de luta diante do poder público reivindicando direitos e conscientizando da necessidade de os órgãos

*Trabalho nas comunidades em Vila Velha – ES*



públicos olharem para estas criaturinhas que mais tarde seriam os futuros construtores desta sociedade, como pessoas!

Quando a Congregação foi chamada por Dom Francisco Biasin, bispo da Diocese de Pesqueira, Pernambuco, a abrir uma nova missão no distrito de Fazenda Nova, município do Brejo da Madre de Deus, no agreste daquele estado, eu fui enviada para lá.

Naquela realidade fui chamada como Assistente Social a me inserir num projeto social criado pela Diocese, que acompanhava e desenvolvia atividades com as crianças e adolescentes com necessidades especiais, visto que os órgãos públicos, não estavam nem aí com aqueles que necessitavam deste serviço.

Meu trabalho lá, foi acompanhar as famílias das crianças e adolescentes, cujas mães, muito novas e inexperientes, não sabiam como lidar com seus filhos portadores de necessidades especiais e encaminhá-los para um tratamento específico.

Durante esse período também, acompanhei, junto ao Sindicato dos Agricultores Rurais do município, um projeto de agricultura familiar, projeto este de incentivo aos pequenos agricultores, voltado a fornecer alimentos sadios para as famílias mais necessitadas.

Foram seis anos de convivências e diferentes experiências que me ajudaram a crescer profissionalmente e a continuar lutando pelos direitos e pela vida dos mais desfavorecidos.

Como a vida tem suas voltas e nestas voltas eu me coloco, aqui estou eu, novamente, no Estado do Espírito Santo, agora no interior, no município de Sooretama, onde a minha Congregação Religiosa, acompanha um projeto social filiado à Caritas Diocesana de Colatina voltado para crianças e



adolescentes na Paróquia de Cristo Rei. Um bonito trabalho de resgate de vidas.

Atuo também como conselheira no Conselho Municipal de Assistência Social (COMAS), buscando, junto à prefeitura, verbas que distribuídas aos órgãos sociais, venham a trazer maior desenvolvimento e vida para o povo.

Nestas vivências, peregrina por muitos anos “prá lá e prá cá”, entre tantas pessoas, acompanhando suas vidas, escutando seus anseios, suas dificuldades e tristezas, participando de seus desejos de alcançarem uma vida melhor, é que me veio uma luz, e esta “LUZ”, transportou-me ao passado e fez nascer em mim, o desejo de saber e encontrar aqueles jovens, que agora já não são tão jovens assim, e que estudaram comigo na PUC-Rio. Através do contato com um membro da turma, consegui chegar aos outros.

Eu não me dei conta, ainda, que o tempo passou tão depressa e que alguns desses jovens constituíram família, que nem todos conseguiram um lugar ao sol, isto é, trabalho como Assistente Social, tendo que trabalhar em outros lugares que não o da profissão que sonharam e sofreram tanto para chegar lá.

Foi por isso que resolvi colocar tudo isto num papel que se chama, LIVRO, para conservar a memória destes fatos tão importantes, significativos e diferenciados, para quem quer sempre começar de novo.

Já se passaram 25 anos e eu só tenho a agradecer à minha Congregação Religiosa pela oportunidade dada a mim durante todos estes anos, que me ajudou e está me ajudando a consolidar a minha profissão de Assistente Social.

Toda esta caminhada e esforço reconhecidos, fizeram com que, no ano passado, eu recebesse da Assembleia Legislativa do Estado do Espírito Santo, o título de Cidadã Espírito Santense, pelo trabalho desenvolvido no resgate de tantas vidas.

Este mérito, eu atribuo à minha Família Religiosa que sempre me incentivou e ainda me incentiva a ir além.

Nesta LUZ que me acompanha, quero continuar com esta missão, levando a alegria e alimentando a esperança daqueles que querem desistir de seus sonhos, buscando junto com eles, dias melhores e ajudando-os a serem protagonistas de suas próprias histórias.



*Irmãs Dimesse - Filhas de Maria Imaculada, com Dom Mauro Morelli e os padres: Marcos, Theophilo, Severino e Orazio.*

*“Apesar dos nossos defeitos, precisamos enxergar que somos pérolas únicas no teatro da vida e entender que não existem pessoas de sucesso ou pessoas fracassadas. O que existe são pessoas que lutam pelos seus sonhos ou desistem deles”. Augusto Cury*

**Posso dizer que nós lutamos pelos nossos sonhos e conseguimos ser protagonistas de nossa própria história!**

A  
TA  
ADELA  
DITA  
A  
TA  
DELA  
ADELA  
RTADELA  
TA  
NDITA  
TA  
ADELA  
ELA  
ENDITA  
DELA  
ELA  
ADELA

## **A conclusão**



Ao reler esta história que nasceu da vida, e pode se tornar um dom e um legado para as próximas gerações, olho para as fotos à minha frente e me recordo com grande satisfação do caminho percorrido por estes jovens que formaram este grande jardim do Serviço Social na PUC-Rio, nos anos 1994/1999.

Foram anos difíceis, de muitos sofrimentos, passados pela fome, alimentada durante um bom tempo só por um **pãozinho francês e uma fatia de Mortadela**.

Pela dificuldade financeira, pelo preconceito, pela indiferença e pelo cansaço, até mesmo a vontade de desistir algumas vezes falou mais alto, mas o sacrifício não foi em vão! A força de vontade, a persistência e a determinação, o relacionamento e a união do grupo e a vontade de vencer, fizeram com que esses jovens seguissem em frente com coragem e ânimo, superando obstáculos e ultrapassando limites.

O caminho foi trilhado com muito suor, muitas noites sem dormir e esgotamento, mas também de muitas alegrias. Para alcançar o objetivo, muitos desses jovens tiveram que abdicar dos momentos de lazer e de muitas coisas particulares para chegar à reta final. Encararam o sacrifício com coragem e ânimo, pois sabiam que a recompensa, depois, seria melhor.

O sonho de um futuro melhor e a luta por ele, ajudara-os a buscar motivações que os levassem para frente. O esforço e a dedicação para alcançar o tão sonhado objetivo de ter uma formação acadêmica, a vontade de vencer, ajudara-os a fazer uma longa e dura **Travessia**, dentro de uma Universidade de elite, onde poucos têm a oportunidade de estar.

Uma **Travessia** com sabor de **Vitória**, de dever cumprido!

Novas iniciativas e novos desafios virão, o caminho que se inicia é longo, mas a certeza de **superação**, vem revestida de uma grande esperança.

Um mundo de possibilidades se abrirá com diversos caminhos e várias alegrias, para que esses jovens possam transformar esta realidade de segregação e construir uma nova sociedade, onde todos os jovens, brancos, negros e pobres possam caminhar juntos, desfrutando dos mesmos direitos. Como nos lembra o filósofo,

*“O sonho da igualdade só cresce no terreno do respeito pelas diferenças”. Augusto Cury*



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEOZZO, José Oscar – CEBs e seus desafios hoje: Um olhar sobre a Conjuntura e a História. In: OROFINO, Francisco; COUTINHO, Sérgio Ricardo e RODRIGUES Solange S. (Orgs.). **CEBs e os desafios do Mundo Contemporâneo**. Rio de Janeiro: ISER Assessoria – Religião, Cidadania e Democracia; Editora Paulus, 2012.

BOFF, Clodovis. Provocações sobre o presente e o futuro das CEBs. **Revista Vida Pastoral**, nº 215, 2000. p. 07-17.

CONGREGAÇÃO DIMESSE – Filhas de Maria Imaculada. **Constituição das Irmãs Dimesse Filhas de Maria Imaculada**. parágrafo 9, p.30, 1993.

DEMO, Pedro. Criança, prioridade absoluta. In: **O Social em Questão**. pp. 55-77. Ano I, nº 2, jul.-dez., 1997.

LEITE, José Costa - Culpados ou vítimas? Representações sociais em tempos de violência. In: **Estudos e pesquisas em psicologia**, UERJ, RJ, 1997, ano 5, n.2, 2º semestre de 2005, pág 109.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Raça e história**. Tradução de Inácia Canellas. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os pensadores).

NAIFF, Luciene Alves Miguez e NAIFF, Denis Giovanni Monteiro. A favela e seus moradores: culpados ou vítimas? representações sociais em tempos de violência. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, UERJ, RJ, Ano 5, N.2, 2º Semestre de 2005. P.107-119.

### Sites consultados

<https://www.pensador.com>

<https://www.kdfrases.com>

<https://www.luso-poemas.net>

<https://edisciplinas.usp.br>



BENDITA MORTA  
MORTAD BEN  
BENDITA  
MORTADELAD  
BENDITA MORTA  
BENDITA BEN  
BENDITA AMO  
MORTADELAM  
BENDITA  
MORTADELABEN  
MORTADELA BEN  
BENDITA DELA  
MORTADELAMOR BEN  
BENDITA  
MORTADELAMOR  
BENDITA  
BENDITA AMOR  
MORTADELAN



Sou Oneize Maria Paranhos de Oliveira, hoje, Irmã Oneize, membra efetiva da Congregação das Irmãs Dimesse Filhas de Maria Imaculada. Nasci aos 09 dias de março de 1955, na pequena cidade de Tombos, Minas Gerais, no bairro Niterói. Minha mãe era costureira, e meu pai, era alfaiate.

A graça de Deus me levou até a PUC-Rio. A Travessia dos alunos do Serviço Social do ano 1995 na PUC-Rio, não foi fácil, mas juntos, conseguimos fazer esta grande travessia e permanecer de pé até o fim. Sei que a luta de tantos jovens negros e pobres ainda hoje continua, mas estes amigos do Serviço Social como os professores que somaram conosco durante este período na PUC-Rio, estarão gravadas com chave de ouro não só neste Livro, mas no meu coração.

**“Prova de amor maior não há do que dar a vida pelo irmão”**

*A edição do livro Bendita Mortadela passou por muitos percalços. Sua publicação foi feita a partir de um esforço que se parece muito com o jeito como que essa turma sempre viveu: no peito e na raça! A elaboração desse material é resultado de um fazer coletivo que buscou partilhar a vida, recuperar a memória e juntar os recursos necessários para a edição. E assim foi feito. Com o esforço de muitos, a muitas mãos chegamos a esse formato.*

*O texto é resultado da colaboração de boa parte da turma que trouxeram suas memórias orais e contribuições para que se pudesse registrar essa história. O texto, uma vez escrito, foi revisto por outros tantos até que se chegasse a uma versão final. A autoria da obra é da Irmã Oneize, mas como ela sempre diz: “o livro é nosso! É resultado de uma construção coletiva.”*

*A edição passou por algumas tentativas frustradas de realizar a diagramação até que, depois de algumas idas e vindas, chegamos à designer Giselle Pachêco que soube captar a o espírito dessa obra e chegou a uma versão que, de fato, traduz a grandeza dessa história. A opção por um material em preto e branco faz parte de uma proposta de programação visual que faz uma clara alusão à chegada dessa turma, majoritariamente negra, no ambiente da PUC-Rio de 1995. Outra opção dessa edição foi a inclusão de muitas fotos como possibilidade de registro da memória: dos momentos, das pessoas e da própria PUC-Rio.*



# 1º grupo de alunos

01. Renata Velho Marchesini Franco

02. Viviane Morais Ferreira

03. Álida Aparecida Pereira de Lucena

04. Maria Inês da Silva

05. Valério da Silva

06. Cristiane Mônica Leal de Jesus

07. Raphaela Abduche

08. Luciana Firmino de Oliveira

09. Oneize Maria Paranhos de Oliveira

10. Karla Politi Miney

11. Lianzi dos Santos Silva

12. Cláudia Araújo

13. Daniela Bastos Silveira



## 2º grupo de alunos

01. *Carla Alves do Nascimento*
02. *Odenilson Argolo de Santana*
03. *Mônica da Souza Ponta*
04. *Valdir da Silva Ventura*
05. *Ronaldo Soares da Silva*
06. *Maria Severa da Silva*
07. *Eliane Nascimento*
08. *Rogéria Batista do Nascimento*
09. *Vilma Maria Souza Ferreira*
10. *Rejane Monteiro dos Santos*
11. *Janaína Alves Pereira*
12. *Mary Lane Cruz Madureira*
13. *Rosimar Abreu Leal*
14. *Cátia Soarea de Sant'anna*
15. *Sandra Helena da Silva*

Todos os direitos reservados © 2023.

Nenhuma parte desse livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito da autora.

Projeto gráfico, diagramação e capa: Giselle Pachêco

Fotografias: Acervo Pessoal

Editora: GiraBrand

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Oliveira, Oneize Maria Paranhos de

Bendita mortadela : travessia dos jovens da Baixada Fluminense e das favelas do Rio de Janeiro no serviço social da PUC-Rio nos anos, 1995-1999. / Oneize Maria Paranhos de Oliveira. Rio de Janeiro : GiraBrand, 2023.

ISBN 978-65-999760-1-8

1. Memória - Aspectos sociais I. Título.

3-143736

CDD-302

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Memória : Aspectos sociais: Psicologia social 30

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

